UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
ANDRÉ OREQUES FONSECA

MENINO, QUEM FOI TEU MESTRE?
A FORMAÇÃO DO MESTRE E A CAPOEIRA DE PELOTAS

Pelotas
2010

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

ANDRÉ OREQUES FONSECA

MENINO, QUEM FOI TEU MESTRE?
A FORMAÇÃO DO MESTRE E A CAPOEIRA DE PELOTAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências (área do conhecimento: Educação Física)

Orientador: Profa. Dra. Eliane Ribeiro Pardo
Co-Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Camargo Veronez

Pelotas

2010

Banca Examinadora:

.....

.....

.....

.....

DEDICATÓRIA

A minha filha, Marina!

Minha vida.

AGRADECIMENTOS

A toda minha família, especialmente aos meus pais – o “Seu Antônio” e a “Dona Zeni” –, que sempre me estimularam, deram forças e fizeram praticamente o impossível para prover uma educação de qualidade;

A Beta, minha companheira, pela compreensão, pelas infinitas ajudas, por aguentar a bagunça gerada pela minha organização, pelas filmagens, fotografias, e incentivo desde o primeiro momento;

A minha amiga/orientadora, Eliane, por tudo: abraços, conselhos, aulas, brigas, orientações, conversas;

Ao meu Co-Orientador, Luiz Fernando Camargo “Veronez”, Professor Doutor Capoeirista. Muito obrigado, “Mestre Bolinha”;

Aos meus amigos;

Ao meu amigo Alessandro Nizoli, pelas incontáveis ajudas;

Aos meus mestres e professores de capoeira: Gladson, Michel, Thelvis, Cabeleira, Filó e Selma;

Aos mestres e professores de Pelotas, por toda a ajuda e pelo trabalho em prol da capoeira na cidade: Marquinho Brasil, Julhinho Brasil, Kennedy, Luiz, Dhunga, Marcelo, Naldo, Sangue-Suga, Sombra, etc. E a todos aqueles com quem vivenciei as mais diversas experiências com e para a capoeira, pois foram essas experiências que subsidiaram a escrita deste trabalho;

Aos meus alunos, que, diariamente, ensinam-me a ser professor;

Aos colegas de estudo e professores do curso de Mestrado.

RESUMO

FONSECA, André Oreques. **Menino, quem foi teu mestre?** A formação do mestre e a capoeira de Pelotas. 2010. 99f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

A capoeira, um patrimônio cultural imaterial brasileiro, há algumas décadas vem encantando milhares de pessoas mundo afora. Há praticantes em mais de 150 países, que usufruem de toda uma gama de possibilidades e atrativos corpóreos e socioculturais vinculados à capoeiragem. Esses atrativos, bastante peculiares, são responsáveis pela construção de uma filosofia de vida singularizada, que emoldura e se mescla ao cotidiano de seus adeptos. Dentro desse contexto, a figura do "mestre" surge como a do principal responsável por preservar e propagar tais singularidades, tal filosofia. E, no intuito de desvendar alguns segredos do processo de formação desses mestres, é que foram estruturados os objetivos deste trabalho, em que, num referencial cartográfico, investigaram-se os processos formativos de quatro mestres da cidade de Pelotas-RS. Em um primeiro momento, foi feita uma pesquisa bibliográfica para compreender as nuances em relação à formação do mestre desde o início do século XX até os dias atuais. Em seguida, foram recolhidos e analisados os depoimentos dos mestres de Pelotas, seguindo o roteiro de uma entrevista semiestruturada. Dessa maneira, tornou-se possível uma maior compreensão acerca dos meandros da capoeiragem, tanto na questão da formação do mestre como também sobre a história da capoeira em Pelotas e a constituição do estilo de vida capoeirano.

Palavras-chave: Capoeira, Mestre e Formação.

ABSTRACT

FONSECA, André Oreques. **Menino, quem foi teu mestre?** A formação do mestre e a capoeira de Pelotas. 2010. 99f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

The capoeira, a Brazilian immaterial cultural patrimony, Is enchanting thousands of people worldwide. Apprentices in more than 150 countries that make use of an entire range of possibilities and corporal and partner-cultural attractions linked to the capoeiragem. These attractions, quite peculiar, are responsible for the construction of a philosophy of a single life, which frames and mixes to the daily of its followers. Inside of this context the " master's " figure appears as the main responsible for preserving and spreading such singularities, such philosophy. And in the intention of unmasking some secrets of the process of these masters' formation is that the objectives of this work were structured, where, in a cartographic referential, four masters' formative processes of the city of Pelotas-RS were investigated. In a first moment, a bibliographical research to understand the nuances in relation to the master's formation since the beginning of the century XX to the current days was made. Soon after, the masters' of Pelotas accounts were colected, following the script of a semi-structured interview. This way it was possible to have a larger understanding concerning the intrigues of the capoeiragem, in the subject of the master's formation, as well as on the history of the capoeira in Pelotas and the constitution of this Capoeirano lifestyle.

Key Words: Capoeira, Master and Formation

Lista de Figuras

Figura 1 – Roda de formatura. Projete Liberdade Capoeira Pelotas 14
Figura 2 – Roda do dia do capoeirista 14
Figura 3 – Idem figura 1 15
Figura 4 – Idem figura 1 15
Figura 5 – Evento TOCA II, Projete Liberdade Capoeira Pelotas 16
Figura 6 – Idem figura 5 16
Figura 7 – Idem figura 6 17
Figura 8 – Roda no projeto Capoeira Chibarro 17
Figura 9 – Clínica de capoeira na USP, 1991. 53
Figura 10 – Quarto do mestre Cabeleira 53
Figura 11 – Idem figura 10 54
Figura 12 – Coleção de Fitas K7 do mestre Cabeleira 54
Figura 13 – LP do mestre Pastinha 55
Figura 14 – Roda na academia Spazio 55
Figura 15 – Clínica de capoeira na USP, 1991 57
Figura 16 – Idem figura 15 57
Figura 17 – Batizado do Grupo Policenter 59
Figura 18 – Mestre Michel em Barcelona 60
Figura 19 – Roda na Praça da República, em São Paulo 61
Figura 20 – Grupo Novos Baianos 62
Figura 21 – Roda na Catedral, grupo Terra Brasil, em Pelotas 64
Figura 22 – Mestre Marquinho Brasil 65
Figura 23 – Roda grupo Novos Baianos em Pelotas 66
Figura 24 – Batizado do grupo Filhos da Roda 69
Figura 25 – Grupo Filhos da Roda em Camboriu 70
Figura 26 – Roda na Praça da Alfândega, em Pelotas 80
Figura 27 – Mestre Gladson e Mestre Michel 81
Figura 28 – Mestre Chibata e Mestre Marquinho 82
Figura 29 – Mestre Sandoval e alunos 83
Figura 30 – Pelotas 1927 84
Figura 31 – Pelotas 1927 85
Figura 32 – Fórum de Capoeira, em Porto Alegre 86
Figura 33 – Mestre Sandoval 87
Figura 34 – Apresentação do grupo Terra Brasil 89
Figura 35 – Batizado do grupo Policenter 90
Figura 36 – Roda na Praça Coronel Pedro Osório, em Pelotas ,2009 91
Figura 37 – Idem figura 36 92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **10**

1 A RODA **10**
1.1 ESTÉTICAS DA RODA 13
1.2 IÊ, VAI COMEÇAR, CAMARÁ 19
1.3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS 23

2 IÊ... VIVA MEU MESTRE. IÊ... QUEM ME ENSINOU... 26
2.1 MESTRE BIMBA E MESTRE PASTINHA: DUAS VERTENTES DE UMA MESMA CAPOEIRA 31
2.2 CAPOEIRA CONTEMPORÂNEA, MESTRE CONTEMPORÂNEO? 39
2.2.1 A capoeira em São Paulo **40**
2.2.2 A capoeira no Rio de Janeiro: Grupo Senzala e a roda de Caxias. **41**

3 CONSTRUINDO O CAMPO EMPÍRICO **48**

4 APRESENTANDO OS MESTRES **51**
4.1 MESTRE CABELEIRA 51
4.2 MESTRE MICHEL 56
4.3 MESTRE MARQUINHO BRASIL 61
4.4 MESTRE MARCELO 60

5 OS SABERES DOS MESTRES **71**
5.1 A FORMAÇÃO 71
5.2 O MESTRE CONTEMPORÂNEO 74
5.3 A CAPOEIRA: UMA FILOSOFIA DE VIDA 76
5.4 MENINO, QUEM É TEU MESTRE? 79
5.4.1 Mestre Cabeleira (2009) **79**
5.4.2 Mestre Michel (2009) **80**
5.4.3 Mestre Marquinho (2009) **81**
5.4.4 Mestre Marcelo (2009) **82**

6 UM CONTO SOBRE A CAPOEIRA EM PELOTAS **84**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **93**

REFERÊNCIAS **96**

ANEXOS **100**

INTRODUÇÃO

1 A RODA

“A roda de capoeira é um mundo pequeno que nos prepara para o mundo maior, o mundo da vida.” Mestre Jogo de Dentro.

A roda surge na capoeira como referência às manifestações culturais africanas, comumente celebradas em círculos, forma geométrica que representa, para a capoeira, a característica maior da sua prática. É na roda em que se formam os mestres e onde são compartilhados os conhecimentos; é nela que simbolizamos todos os anseios do grande mundo exterior. Dentro dela, o valente desaba, o oprimido se rebela, o pequeno se faz gigante, o sagrado e o profano têm o mesmo valor.

Tradicionalmente, a roda de capoeira é constituída da seguinte forma: por uma bateria, por um mestre ou capoeirista responsável, e por todos aqueles que tiverem interesse de participar, capoeiristas ou não.

A bateria mais comum é composta por três berimbaus, afinados em tons distintos, conhecidos como Gunga (de som mais grave, responsável pela marcação do ritmo), Médio (num tom intermediário entre o mais grave e o mais agudo) e o Viola (de tom agudo, que deve ser tocado livremente, com floreios, exigindo muita criatividade do tocador). Além dos berimbaus, completam a bateria dois pandeiros, um atabaque, um agogô e um reco-reco. Uma boa roda depende muito da qualidade da bateria: deve-se atentar para que nenhum instrumento se sobreponha ao som dos berimbaus, pois eles ditam o ritmo, o jogo, e todos os acontecimentos dentro da roda.

Também, encontramos baterias compostas por um berimbau e dois pandeiros. Esse padrão foi criado pelo mestre Bimba, por diversos motivos: por exigir uma quantidade menor de participantes; pelo ritmo dado pelo berimbau ficar mais perceptível; e, ainda, por afastar as comparações da capoeira com o candomblé.

Vale lembrar que os dois padrões de bateria expostos acima são apenas modelos, podendo variar de acordo com a disponibilidade de instrumentos, com o

número de tocadores, etc. Não é necessário, então, seguir fielmente os critérios estabelecidos.

O mestre ou responsável – que, não sendo o mestre, deve ser o capoeirista mais experiente presente – é a autoridade máxima, dotado de inúmeras responsabilidades: ele comanda a bateria, o jogo e os demais participantes. Pode interferir a qualquer momento, em qualquer situação.

Todos os demais participantes têm suas funções: devem fazer o acompanhamento com as palmas, responder o coro, e manter sempre a unidade da roda. Isso, pois, quanto mais coesa está roda, maior será a concentração de energia, de axé. Por isso, o capoeirista não pode ficar apenas no conhecimento do jogo propriamente dito, devendo saber todos os fundamentos musicais e comportamentais de uma roda.

Quando se trata de saber fundamentos musicais, diz-se respeito ao conhecimento dos tipos de toques e as caracterizações de cada um, os cantos, o momento certo de começar o jogo, de terminar o jogo, mantendo-se sempre atento às ordens do berimbau. Esses fundamentos devem ser ensinados nos treinamentos, mas serão incorporados somente na vivência das rodas, razão pela qual a observação, na capoeira, é fundamental.

As rodas podem acontecer em diversos locais e momentos. Existem as rodas tradicionais, que acontecem sempre no mesmo lugar e horário. Existem, por outro lado, as rodas improvisadas, que acontecem ao sabor do acaso, num encontro de amigos, numa beira de praia, num churrasco, etc. Existem, também, as rodas para apresentações públicas, assim como há rodas nos treinamentos dos capoeiristas.

No caso de se tratar de uma roda desconhecida, cabe ao capoeirista, prioritariamente, identificar qual o contexto da roda, para, então, decidir se participa ou não. O procedimento básico é o seguinte. Primeiro, deve-se identificar o responsável pela roda, cumprimentá-lo e pedir sua autorização para participar. Após, com respeito, deve-se tentar tocar algum instrumento, cantar, participar da roda antes do jogo. Normalmente, essa conduta é tomada por capoeiristas mais experientes, que aproveitam desse tempo para familiarizar-se e conhecer um pouco os jogadores.

O começo do jogo é marcado pelo canto de uma *“Ladainha”*, normalmente executado pelo responsável da roda. A Ladainha é um canto de introdução, que pode trazer elementos históricos, contar algum fato, ou simplesmente ser de caráter

lúdico. Seguindo a ladainha, vem a *"Louvação"*, que segue as crenças do cantador, podendo servir como aviso aos jogadores de alguma especificidade, por exemplo. Após a louvação, começam os *"Corridos"*, músicas que, em sua maioria, são de domínio popular, que servem como complemento do ritmo e também como comunicação na roda, valendo-se do improviso do cantador – habilidade inata e fundamental. Na capoeira regional do mestre Bimba, troca-se a Ladainha pela Quadra, que tem funções e definições parecidas; entretanto, a forma de cantar é bem distinta.

Esses conhecimentos são muito importantes para o constante desenvolvimento do capoeirista, visto que, de posse deles, aumentam suas possibilidades de aceitação e reconhecimento pelo mundo da capoeira. A manutenção das tradições e fundamentos da Roda serve para estabelecer um elo entre o passado e o presente, pois não existe nenhuma outra arte marcial que se desenvolva nesses moldes. É justamente isso que caracteriza de forma ímpar a capoeira como uma atividade composta pelas diferenças, externadas num mesmo espaço.

Apenas o capoeirista consegue definir a sensação de escutar ao longe o som de um berimbau bem tocado, de sentir o som do coro aumentando gradativamente, conforme ocorre a aproximação da roda; do frio na barriga que antecede uma roda desconhecida, com um limiar tão estreito entre o poder e o pudor; dos devaneios introspectivos ao pé do berimbau. Apenas ao capoeirista é conferida a sensação de uma rasteira, sofrida ou aplicada, de levantar antes mesmo de cair; a sensação de apertar a mão do mestre e do iniciante, aprender que os perigos estão escondidos em lugares e pessoas inesperadas, assim como as surpresas boas também estão. Somente o capoeirista entende que, para atingir, não precisa efetuar o golpe, pois deve entender que, às vezes, recebem-se os golpes. Imprevisibilidade: talvez essa palavra defina as possibilidades de uma Roda de Capoeira.

1.1 ESTÉTICAS DA RODA[1]

> Não existe nada no conhecimento que não tenha estado primeiro no corpo inteiro, cujas metamorfoses gestuais, posturas móveis e a própria evolução imitam tudo aquilo que a rodeiam. [...] a origem do conhecimento reside no corpo, não se pode conhecer qualquer pessoa ou coisa antes que o corpo adquira a forma, a aparência, o movimento, o Habitus. MICHEL SERRES

[1] Capítulo estruturado com o consentimento conceitual de Michel Serres (2004), **Variações sobre o Corpo**, e recheado com imagens de um arquivo pessoal, que traduzem esteticamente concepções sobre a construção do conhecimento através do corpo em movimento, delineado pela capoeira.

Ilustração 1: Produção coletiva de conhecimento

Ilustração 2: Agentes produtores

A origem antropológica do conhecimento se estabelece numa simulaçãotão estreita que nela o amor e o ódio se imitam e se mesclam. A imitação mescla o amor ao ódio e o ódio imita o amor para se mesclar a ele; enfim, o amor odeia a imitação. Estes são temas que formam o núcleo original e o segredo de seu desvelamento." MICHEL SERRES

Ilustração 3: Responsabilidade e respeito em construção

Ilustração 4: Perguntas e respostas

A capoeira é exemplo palpável da produção do conhecimento pela imitação, pelo corpo. Oriunda da cultura do movimento, da oralidade. Traz consigo uma bagagem empírica atravessada pelo sofrimento, pela solidão, pela violência e também pela alegria, pelo canto, pelo som da resistência.
.

Ilustração 5: Um olhar diferente para o mundo

Ilustração 6: Junção de sentidos

As suas maiores representações são a figura do “Mestre” como transmissor e detentor do conhecimento. E a manifestação conhecida com “Roda” é espaço de construção e disseminação desse conhecimento.

Ilustração 7: Meus mestres

Ilustração 8: A roda

Ladainha...

Certa vez, perguntaram a seu Pastinha o que é a Capoeira?
E ele, mestre velho e respeitado, ficou um tempo calado revirando a sua alma.Depois, respondeu com calma em forma de ladainha:
A Capoeira é um jogo, é um brinquedo, é se respeitar o medo, é dosar bem a coragem. É uma luta, é manha de mandingueiro, é um vento no veleiro, um lamento na senzala.
É um corpo arrepiado, um berimbau bem tocado, o riso de um meninho.
Capoeira é o vôo do passarinho, bote de cobra coral.
É sentir na boca todo o gosto do perigo, é sorrir para o inimigo e apertar a sua mão. É o grito de Zumbi ecoando nos quilombos, é se levantar do tombo antes de tocar o chão.
É o ódio, a esperança que nasce, se o tapa explodiu na face foi arder no coração.
Enfim, aceitar o desafio com vontade de lutar. Capoeira é um pequeno navio solto nas ondas do mar. Mestre Toni Vargas

1.2 IÊ, VAI COMEÇAR, CAMARÁ...

> "[...] Que possamos aprender com a Capoeira que nos mantém íntegros e integrais nessa grande salada global de etnias. Que possamos jogar sem a mancha da submissão. Que possamos gingar para dar o drible no controle que tenta unificar a cultura no mundo pela imposição do único. A Capoeira está entre as grandes contribuições do Brasil ao imaginário do mundo. [...] é atitude brasileira que reconhece uma história escrita pelo corpo, pelo ritmo e pala imensa natureza libertária do homem frente à intolerância." GILBERTO GIL[2]

Capoeira é uma "salada global de etnias". É uma mescla cultural que convergiu, em terras brasileiras, as práxis corpóreas de diversas tribos africanas num misto de luta/dança, disfarçando, no som dos cantos e dos tambores, seu ideal libertário, tornando-se, com o passar dos tempos, a maior representação da luta contra a opressão do regime escravocrata brasileiro. Uma história *escrita pelo corpo*, negro, marcado pela chibata e pela corrente, corpo que forjou com *sangue e suor* as memórias da genuína *arte de defesa* brasileira, marcada por desafios, que correm paralelamente ao percurso histórico de desenvolvimento do Brasil, carregada de misticismos desregrados e dialeticamente atrelada a rituais, significados e magia.

Neste trabalho, a capoeira entra como um terreno, como um solo do conhecimento, em que são assentadas todas as questões colocadas. Para tanto, é preciso situar o leitor em relação à posição do pesquisador, de onde ele enxerga e analisa essa prática cultural, ou seja, da posição de um professor de educação física[3], um docente do ensino superior[4], professor de capoeira e, prioritariamente, um capoeirista, que traz em seu corpo doze anos de aprendizado na arte da capoeiragem.

As práticas esportivas fazem parte da minha memória corporal. Foi através do fascínio pelo mar, da busca por uma maior evolução na prática do surfe que cheguei à capoeira. Precisamente, foi após ler uma matéria em uma revista especializada em surfe, que trazia os benefícios trazidos pela capoeira para um grupo de surfistas profissionais, tendo em vista a semelhança entre alguns movimentos de ambos os esportes. Radicado na cidade de Pelotas-RS, as incursões aos mares não

---

[2] Trecho do discurso "Capoeira, Paz no Mundo", proferido pelo então ministro da Cultura Gilberto Gil em Genebra, 19 de Agosto de 2004, em evento promovido pela ONU, para homenagear os mortos no atentado a sede da ONU em Bagdá 2003.

[3] Professor da disciplina de Educação Física, no ensino fundamental e médio. Também, professor de Capoeira, em atividades extracurriculares, na Escola Mario Quintana.

[4] Professor da disciplina de Fundamentos e Metodologias das Lutas, e Crescimento, desenvolvimento humano e Aprendizagem Motora, da Universidade Anhanguera – Pelotas.

aconteciam, como ainda não acontecem, na frequência desejada. A capoeira surge, então, como uma possibilidade de treinar para o surfe, mesmo longe da praia.

O final da década de 90, época em que comecei a treinar, foi um período marcado por apresentações públicas, inúmeras rodas de rua, em que centenas de praticantes usufruíam da capoeira e de consumismos provenientes do mercado criado pela sua expansão. Nesse cenário, havia diversas opções para treinar, mas a orientação sobre onde frequentar foi-me dada e incentivada por um grupo de amigos que já desfrutavam e desvendavam os segredos do berimbau. O grupo foi o Policenter[5], cujo professor se chamava Michel. Os camaradas – que saudades, camaradas – eram tantos; alguns muito prezados, outros passageiros, mas todos de alguma forma influentes na minha formação na capoeira e na vida.

Hoje em dia, na cidade de Pelotas, a capoeira perdeu muito do *glamour* da década de 90[6], e já não encanta tanto os adolescentes, jovens e adultos – faixas etárias que predominavam nas rodas pela cidade. Consegue-se, atualmente, encontrar a capoeira em pontos isolados, como em alguns bairros, em muito poucas academias e estas, ainda, com número pequeno de alunos. Os Mestres e Contramestres, responsáveis por escrever as linhas da história da capoeira em Pelotas, tentam manter esses poucos alunos, cada vez mais individualizados ou segmentados na concepção dos grupos, com raros casos de aproximação e atividades em conjunto.

Ademais, existem outros poucos professores, que lutam diariamente pela subsistência do esporte nas escolas e pré-escolas da cidade. Esse fato é consequência de dois fenômenos contemporâneos: a crescente queda de alunos iniciantes na capoeira que procuram academias, centros de treinamento, associações, grupos, etc.; e a parte submersa desse *iceberg*, formado pela vertiginosa aceitação da capoeira nas pré-escolas e no ensino fundamental, até aproximadamente a sexta série[7].

---

[5] Grupo fundado em 1978 pelo Mestre Gladson Oliveira. Professor de Capoeira na USP (Universidade de São Paulo), coordenador da Projete Liberdade Capoeira. A matriz do grupo está na cidade de São Paulo e possui filiais em Pelotas, Rosário(Argentina), Cusco(Peru) e Barcelona(Espanha).

[6] Apresento com hipóteses para este declínio: primeiro a massificação mundial da cultura do MMA (Mix Martial Arts), e, aliado a isso, o desinteresse da mídia brasileira pela capoeira enquanto produto a partir do século XXI.

[7] Referência sobre os dados encontrados em pesquisa dos alunos do quarto semestre da turma de Bacharelado em Educação Física, da ESEF (Escola Superior de Educação Física) da UFPel (Universidade Federal de Pelotas), no segundo período de 2008. Foi aferida a participação de mais de 1000 crianças em turmas de Capoeira, sejam curriculares ou extracurriculares na cidade.

Por outro lado, o processo de expansão e aceitação da capoeira pelo mundo continua num crescente. O esporte está presente em mais 150 países, com número de praticantes que ultrapassam os cinco milhões, apenas em terras brasileiras. Além disso, a capoeira foi reconhecida, há poucos anos, como um patrimônio cultural imaterial brasileiro. Tais dados, porém, são contraditórios à realidade dessa manifestação cultural na cidade de Pelotas.

É de se ressaltar, então, o porquê da preocupação que esta dissertação de Mestrado demonstra pela cidade de Pelotas. Essa questão é respondida ao mesmo tempo em que analiso meu percurso enquanto capoeirista, formado em Pelotas, e com vivências e cursos em diversas partes do Brasil. Nessas jornadas, muitos foram os capoeiristas e Mestres com os quais foram trocadas experiências, autorizando-me a afirmar que Pelotas é a maior escola de capoeira do interior do estado do Rio Grande do Sul, e referência dessa prática no Brasil e no mundo.

Pelo fato de ser a terceira cidade mais negra do país – que se exibe para o turismo frente às suas tradicionais charqueadas, construídas por mãos negras e acorrentadas –, Pelotas já teria atributos para servir como palco para um estudo de uma arte afrobrasileira. Aliou-se, então, uma capoeira de alto nível com uma cidade historicamente importante para o negro no Brasil.

Qualifico as experiências vivenciadas com a capoeira – na segunda metade dos anos 90, em meio a toda uma efervescência gerada por ela na cidade – como o mais empolgante processo formativo pelo qual passei. Formação vivida e sentida através do movimento, do corpo. Formação que tem cheiro, dor, medo, cansaço, alegrias e tristezas, enaltecendo valores de amizade, de grupo, de lealdade e igualdade.

Um verdadeiro vício, do qual não poderia e não posso prescindir. Treinava exaustivamente, sem dimensionar o real tamanho da capoeira, apenas me preparava para as rodas, para as apresentações, para as avaliações, e, concomitantemente, desfrutava das amizades que aos poucos se firmavam. O que eu não sabia é que estava absorvendo uma gama de história e conhecimento popular inigualáveis.

A capoeira tornou-se motivadora das minhas decisões, sejam elas quais forem – profissionais, sociais e/ou familiares. É também, para mim, religião, atividade física e trabalho. Esse misto de arte (corpo, movimento), luta (belicosa) e dança (ginga, ritmos e cantos), que traduzem uma das mais expressivas caracterizações

da cultura tupiniquim, está no meu caminhar, no falar, na criação da minha filha, nas minhas leituras e na música que escuto. Nesse sentido, então, a capoeira emoldura um estilo ético/estético de ser, de se posicionar para o mundo, ou, ainda, concebe minha ótica de mundo.

Será que a capoeira realmente possui o poder norteador de estar à frente ou lado a lado com as decisões, escolhas, posturas e na construção desse estilo de encarar a vida, ou ainda de interferir na vida de seus adeptos? Se esse poder existe, de onde vem? Essa forte influência se deu apenas comigo? Quem são seus agentes? Que elementos traduzem a capoeira para mais do que apenas um luta ou prática esportiva? Como ela pode constituir um estilo de vida? Como pode ser um campo formador de valores não curriculares? Ainda, existe a possibilidade de dissociar o Mestre de capoeira do médico, do professor, do advogado, do músico, do mágico, do pai, do irmão, do amigo?

Para responder a tais indagações, primeiramente, deve-se conhecer a capoeira a ponto de identificar não como dar a resposta, mas sim quem são os sujeitos capazes de oferecê-las. Elemento caracterizador[8] da capoeira, o "mestre" é o símbolo maior desse processo, servindo como exemplo de trajetória, de conhecimento dos percursos de formação pela capoeira. Formação, como já foi apresentada, concebida numa compreensão muito além da curricular; engloba diversos aspectos numa ampla formação para a vida. Josso (2004, p.17) traduz esse significado. Para a autora, a formação, nesse prisma,

> É integrar numa prática o saber-fazer e os conhecimentos, na pluralidade de registros (o psicológico, o sociológico, o histórico, o econômico, etc). Aprender designa, então, mais especificamente, o próprio processo de integração. Aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que tenham formulações teóricas. (idem).

Por essa razão, entrevistaremos mestres de capoeira da cidade de Pelotas, a fim de conhecer um pouco mais a respeito destas nuances: como se formaram?; qual a influência da capoeira nas suas vidas?; como eles imaginam ter interferido, se é que interferiram, na vida dos seus alunos? Pretende-se, com essas questões, entender os diferentes processos e questionar sobre a importância da valorização de

[8] A partir da homologação da capoeira enquanto um patrimônio cultural nacional, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) definiu dois elementos sem os quais a capoeira estaria descaracterizada: Mestre e a Roda. As referentes certidões de reconhecimento estão nos anexos desta Dissertação.

um processo formativo não convencional para os dias atuais, que faça uso dos conhecimentos dessas representações máximas da capoeira, de forma a subsidiar a própria prática.

Salientamos, ainda, que as desavenças e discórdias na capoeira pelotense existem há anos, catalisadas pelas distinções dos grupos, que devem servir como ensinamento, sendo registrados e analisados, independentemente do estilo ou das concepções teóricas sobre a capoeira, numa tentativa de construir uma rede emaranhada, tecida com os mais diferentes fios, de cores e cheiros distintos que juntos compõem uma unidade extremamente forte. Assim, por meio do primor das diferenças entre cada um dos mestres, busca-se embasar o trabalho dos demais capoeiristas de Pelotas, com suas histórias.

1.3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento desta pesquisa de campo, de caráter cartográfico, tem-se feito através da produção de dados gerados no decorrer do processo, os quais são analisados sob algumas perspectivas: a primeira é da formação humana como um campo conceitual ético-estético[9]; a segunda é a do papel do mestre nesse campo de formação; e a terceira é a da concepção da capoeira como um patrimônio socioantropológico de tensões micropolíticas que constituem a sua história. De forma alguma, esta pesquisa teve como objetivo tratar de percursos históricos, mas especialmente de subjetividades contemporâneas.

Os objetivos deste estudo foram os seguintes: primeiramente, analisar o processo de formação do Mestre na capoeira; em seguida, refazer essa análise, porém, com um foco mais fechado, atentando para o percurso de formação na Capoeira de alguns mestres de Pelotas. Após esse primeiro passo, surgiram outros objetivos, de ordem mais específica: diferenciar os processos formativos de cada dos mestres estudados, extraindo peculiaridades desses processos, como a formação profissional, a capoeira enquanto uma filosofia de vida e a concepção

---

[9] "[...] estas devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se. Modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo" (Foucault 2004, pp. 198-199)

particular sobre a formação do mestre. Finalizando, buscou verificar a importância que cada um deles teve e ainda tem para o desenvolvimento da Capoeira Pelotense, e suas análises na questão do mestre de capoeira contemporâneo.

Durante esta introdução, numa abordagem cartográfica, apresentamos um pouco das estéticas capoeiranas, ancoradas em imagens e conceituações sobre conhecimento e capoeira, no intuito de fazer uma pré-apresentação tanto do tema capoeira como também da ótica do pesquisador.

No primeiro capítulo, descrevemos sobre os processos formativos na capoeira durante sua história, e também a respeito dos dois mais reconhecidos Mestres da história, Bimba e Pastinha, para o leitor entender como e por que eles tornaram-se referências eternas para a capoeiragem. Ainda neste capítulo, analisamos o desenvolvimento da capoeira nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, a partir de 1960, proporcionando ao leitor uma maior compreensão das peculiaridades da capoeira contemporânea. Para tanto, utilizou-se de uma grande pesquisa bibliografia e imagética, retirando informações de inúmeras obras publicadas sobre a capoeira, assim como de diversos documentários e filmes que, em sua maioria, tratam da história de um respectivo mestre.

O segundo capítulo é destinado exclusivamente ao esclarecimento do trato com os dados empíricos, desde os critérios de seleção dos entrevistados até a apresentação das questões que compuseram o instrumento de coleta de dados.

O terceiro capítulo traz o histórico de cada um dos mestres entrevistados, relatando aspectos das suas trajetórias com a capoeira e alguns detalhes específicos, como profissão, formação formal, etc.

Após identificarmos os mestres, tratamos, no quarto capítulo, das questões pertinentes a eles, de forma que foi possível analisar e discutir as indagações sobre a importância do mestre na capoeira, como se formam, e de que maneira a capoeira torna-se uma filosofia de vida.

Os relatos sobre a capoeira em Pelotas foram trazidos no quinto capítulo. Vale ressaltar que todas as informações contidas foram extraídas dos depoimentos de cada mestre, e, por isso, reconhecemos a possibilidade de haver discordâncias entre fatos e datas, pois não tivemos o intuito de averiguar a fundo a veracidade desses elementos.

No sexto e último capítulo, traçamos algumas considerações referentes a todo o processo tratado neste trabalho, atentando para a condição globalizante que a capoeira disponibiliza para o provimento da cidadania.

Toda a produção metodológica foi construída no próprio andar do trabalho, à luz de uma concepção de pesquisa que não concorda com engessamentos, ou seja, que viabiliza um andar metodológico guiado, porém, com a possibilidade de se adaptar às situações imprevisíveis que podem acontecer no atravessar do mesmo, principalmente quando se trata de um tema de concepções tão voláteis. Capoeira, Mestre e Formação são conceitos indefinidos que não se permitem analisar de um espectro fixo, e, por isso, esta pesquisa tem esse caráter cartográfico[10], numa constante produção de dados.

[10] Conforme Rolnik (2007, p 65), "o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia. O cartógrafo é um verdadeiro *antropófago*: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, *transvalorado."*

2 IÊ... VIVA MEU MESTRE. IÊ... QUEM ME ENSINOU...

Este capítulo visa a elucidar o processo formativo do mestre na história da capoeira. Tem como ponto de partida a capoeira baiana do início do século XX, passando pela ascensão dos dois maiores mestres da história da capoeira e, concomitantemente, pela cisão que fez com que esse processo fosse dividido, dualizado, finalizando com a formação contemporânea. Para tanto, começaremos com um adendo na história da própria capoeira.

Cheias de ambiguidades e contraposições, as concepções históricas do surgimento da capoeira são tão melindrosas e antagônicas quanto o seu jogo propriamente dito. A versão mais usual é de que a prática tenha surgido de uma grande mescla cultural, dentro das senzalas e quilombos brasileiros, agregando manifestações e elementos culturais de diversas tribos africanas, com influências indígenas e apimentada pela situação de sobrevida dos escravos em terras brasileiras[11].

Os primeiros registros de capoeiragem datam do século XVI, mas enfatizaremos os acontecimentos do final do século XIX e do início do século XX, pois entendemos que é nesse período que acontecem as grandes interferências socioculturais na capoeiragem escrava. Exemplo disso são as implicações da abolição da escravidão, a inclusão da capoeira no código penal de 1890, a grande repressão à capoeiragem carioca no início do século XX, a afirmação da capoeira baiana como nicho mundial de mestres, e, o que mais nos interessa para este estudo, a grande ruptura no processo formativo do capoeirista após o surgimento da "Luta Regional Baiana" – ou Capoeira Regional –, em 1930.

Ainda para um melhor recorte, salientamos que os estudos estarão focados nas nuances da capoeiragem baiana, mas que, apesar disso, não foi negada a importância histórica da capoeira carioca, principalmente no século XIX. Caracterizada por sua urbanidade e divida nas temidas maltas[12], essa "doença moral", como era pressuposta pela polícia do Rio de Janeiro, foi pouco a pouco dizimada pela repressão imposta em mérito de uma normatização de valores regida pela jovem republica. Aconselhamos, para um maior compreendimento desse

---

[11] Para maiores informações, indicamos os seguintes estudos: Adorno (1987) e Araújo (2004).

[12] As maltas eram grandes grupos de capoeiristas que defendiam territórios e apadrinhamentos políticos distintos. As mais conhecidas eram denominadas de Nagoas e Guaiamuns, conforme revela Silva (1991).

processo, a leitura do primeiro capítulo da obra de Reis (1997), intitulado *A capoeira: de doença moral a gymnastica nacional*; assim como o artigo de Vassalo (2003), "Capoeiras e Intelectuais: a construção coletiva da capoeira autêntica".

Dando sequência a esta apresentação, nos debruçaremos em dados referentes à cidade de Salvador, nas primeiras décadas do século XX, com o intuito de analisar de que maneira a capoeira e seus agentes construíram um capítulo da história cultural brasileira. Muitos são os trabalhos acadêmicos que tramitam por esse lócus histórico, principalmente lançando-se sobre a temática capoeira, desde os anos 60, e cuja consistência foi alcançada especialmente a partir década de 80. Num estudo de Falcão e colaboradores (2008), foi feito um levantamento acerca das publicações sobre capoeira no Brasil, em que foram encontradas 84 publicações entre teses de doutorado, dissertações de mestrado e de livre docência, entre os anos de 1980-2006. Nessas produções acadêmicas, ficou evidenciado um caráter polissêmico, com uma enorme diversidade de abordagens, e, conforme os autores, "uma produção rica, mas, ao mesmo tempo, inconsistente no que diz respeito ao discurso político-pedagógico".

Atentando para o enfoque deste capítulo, teremos, como principais referências, Silva (1991), Reis (1997), Vieira (1998), Falcão (2004), Abib (2006), Moura (1993), Decanio Filho (1997), Cabral (2002), Paiva (2007). Além disso, servem-nos os seguintes documentários: *Mestre Pastinha: uma vida pela capoeira; Mestre Bimba: a capoeira iluminada; Capoeira: o fio da navalha; Mestre Leopoldina: a fina flor da malandragem; Mestre Jogo de Dentro: a semente da Capoeira Angola.* Também, revisamos algumas edições das revistas *Praticando Capoeira, Capoeira e Iê, Capoeira*.

Durante as primeiras décadas do século XX, especificamente até os anos 30 do referido século, a capoeira baiana estava vinculada quase que exclusivamente às práticas de lazer do negro. Não havia rigorosa exigência do domínio das técnicas de jogo, sem restrições quanto às vestimentas, com periodicidade semanal, em pontos já tradicionais a comando de capoeiristas mais experientes[13], como também nas proximidades dos bares, mercados. Essa proximidade é justificada por um único motivo: a presença das bebidas alcoólicas era comum no ambiente capoeirano. Conforme Mestre Gigante, apud Vieira (1998, p 102), "Não armava roda de capoeira

[13] Essa característica, conforme Vieira (1998), predominou até meados dos anos 50.

no açougue, não armava roda de capoeira na padaria, só armava roda na frente do boteco. O capoeirista sempre gostou de uma pinga."

O aprendizado era vivencial, na amplitude da expressão, pois os iniciantes aprendiam com os mais experientes, informalmente, sem métodos. Esse aprendizado era influenciado por fatores extrínsecos, que devemos analisar.

Primeiramente, quando pensamos no período histórico, ou seja, as três primeiras décadas do século XX, devemos revelar que se trata do período em que a repressão à prática da capoeira era vigente e massiva, e que o tratamento dado aos "vadios capoeiras"[14] fazia com que sua prática fosse reprimida, e, em função disso, o aprendizado tornava-se mais velado. Essa situação oportunizara diversos embates ou até mesmo combates entre a polícia e os capoeiristas[15], que, num outro devir de liberdade, afirmavam novamente a capoeira enquanto uma contracultura, assistemática.

É justamente nesse meandro de capoeiragem, opressão racial e tentativas de subsistência, que aparece a figura, ou melhor, o emblema maior da capoeira: o "mestre". Formado em meio a todas essas dificuldades, entretanto, o mestre era reconhecido pela comunidade e pelos demais capoeiristas como um mestre trabalhador, pois, conforme relatos do Mestre Gato Preto[16]:

> Não tinha nenhum mestre que levasse a capoeira como profissão. Todos eles eram operários,..., Pastinha era tarefeiro, depois foi tomar conta de casa de jogo; Daniel Noronha trabalhava na estiva; Canjiquinha e

---

[14] Como exemplo dessas tentativas, tem-se a inclusão da prática no Código Penal de 1890. Com a Proclamação da República, inicia-se uma nova fase de perseguição à Capoeira, através do decreto n° 487 do Código Penal brasileiro de 11 de outubro de 1890 que, no seu capítulo XIII, trata dos "Vadios e Capoeiras":
Art. 402 – Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem, andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordem ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor ou algum mal:
Pena de prisão celular de dois a seis meses.
Parágrafo único – É considerado circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro.
Art. 403 – No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena de um a três anos, a colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para este fim ser aproveitados os presídios existentes.
Parágrafo Único – Se for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

[15] Como exemplo dos enfrentamentos entre a polícia e o capoeira, citamos o depoimento de Mestre Canjiquinha, dado aos estudos de Vieira (1998, p. 103): " A gente jogava capoeira nos dias de domingo, não tinha academia, e quando aparecia a polícia a gente tinha que sair correndo".

[16] José Luiz Gabriel, reconhecido mundialmente como Mestre Gato Preto. Teve início na capoeiragem ainda na década de 30, através de ensinamentos transmitidos pelo seu pai, e, posteriormente, pelo seu tio. Fez parte de uma turma de renomados capoeiristas que frequentavam a academia de Mestre Pastinha. Essa citação foi extraída de uma entrevista para a revista Capoeira (1999).

> Caiçara na prefeitura; Paulo dos Anjos, como motorista; Mestre Ferreira como armador. Ninguém vivia da capoeira. Eu vivi nela durante 40 anos sem ganhar um tostão!.

Segundo o dicionário do folclore brasileiro de Luiz da Câmara Cascudo, *Mestre é todo exímio trabalhador manual, aquele que ensina, ou título dado a membros de uma comunidade que exercem profunda relação com algum saber, em forma de respeito*. Na capoeira, o surgimento desses agentes sociais, transmissores de saberes e conhecimentos galgados no empirismo de suas trajetórias de vida, através principalmente da oralidade, foi de suma importância para que hoje seja possível o conhecimento dessa arte. Dentro desse mundo avesso, de pernas para o ar[17], os mestres foram e são os principais responsáveis pela propagação e disseminação da capoeira pelo mundo.

A análise do seu processo de formação, como já foi elucidada, começa, para este trabalho, a partir do início do século XX, momento histórico em que efervesciam questões políticas na então recém criada República e, por consequência, uma série de questões sociais estava em trâmite[18]. Nesse meio, a Capoeira, no estado da Bahia, resistia firmemente a diversas tentativas de sucumbir sua prática, obtendo acoitamento, muitas vezes, em fundos de quintal, nos quais os mestres guardiões de seus segredos[19] difundiram-na para alguns afortunados. Assim, por meio da verbalização dos conhecimentos, do *toque*[20] dos mais velhos, da observação e da *imitação*[21], essas pessoas, aos poucos, se tornavam discípulos.

Esse processo de formação identitária, provavelmente, seja o início da concepção contemporânea de Grupo de Capoeira. É importante analisar que, nesse período, conforme citado, os capoeiristas eram perseguidos e estereotipados como vadios, desordeiros, tumultuadores, o que era ainda mais agravado se fosse líder de algum grupo. A formação do mestre, então, estava para além da prática; era uma

---

[17] Expressão usada pela antropóloga Letícia Vidor de Souza Reis, na qual ela traduz todas as inversões de valores existentes no jogo da capoeira, tais como a vitória do oprimido perante a opressão, ou as diversas trocas dos pés pelas mãos nas movimentações de ataque/defesa, ou ainda contraposições de um mundo maior expressadas no pequeno mundo caracterizado pela roda.

[18] Para um maior aprofundamento, aconselha-se a leitura dos capítulos iniciais da obra de Reis (1997).

[19] A Tradição do segredo pode ter sido a causa do desaparecimento de muitas Artes Marciais, pois, se o mestre julgar que não existe discípulo qualificado para sucedê-lo, a técnica morre, a menos que um dos seguidores seja capaz de redescobri-la e reinventá-la. (Reid e Croucher 1983, no livro "O caminho do guerreiro, o paradoxo das Artes Marciais").

[20] O toque, na "Pedagogia do Africano" (termo proposto por Abib, 2006), serve para passar o sentimento, a vontade de ver o aluno aprender, preponderando sobre o efetivo aprendizado.

[21] Até a institucionalização e metodização da Capoeira, seu aprendizado era por meio da imitação. Meio de produção de conhecimento proposto por Michel Serres, em Variações Sobre o Corpo (2004).

imposição contra o sistema, um marco contracultural que emergia em meio à marginalidade.

Nota-se, então, que, até meados do século XX, a condição de “Ser Mestre” estava relacionada com sua formação em meio a essa marginalidade, em condições dificultosas de vida, sofrendo os mais absurdos casos de discriminação, visto que, em sua maioria, os capoeiristas eram negros e pobres. Os percursos enquanto capoeiristas eram muito ligados à sua trajetória existencial, na qual as experiências de vida e o reconhecimento dos demais eram fatores muito determinantes para o “Ser Mestre”: o conhecimento das tradições, o manejo de instrumentos, a destreza no improviso dos cantos, a agilidade no jogo e a eficiência na luta.

Ainda sobre o mesmo período, é importante salientar que o contato com o mestre era cotidiano e vivencial, isto é, não estava restrito ao espaço e ao tempo da capoeiragem. Visto isso, fica mais fácil de compreender outra característica marcante dessa época: os discípulos, normalmente, seguiam o ofício do mestre, seja na estiva, na carpintaria, na construção civil, na carvoaria exemplos dos ofícios mais presentes entre os capoeiristas da época.

Mas, afinal, quem seriam esses mestres? Poder-se-iam citar muitos nomes, mas, para não se incorrer na falha de faltar algum, resumo apenas o perfil desses mestres: pobres, pretos, homens que não faziam da capoeira seu sustento, ou, numa definição mais completa de Abib (2006),

> O mestre é aquele que é reconhecido, por sua comunidade, como o detentor de um saber que encarna as lutas e sofrimentos, alegrias e celebrações, derrotas e vitórias, orgulho e heroísmo das gerações passadas, e tem a missão quase religiosa de disponibilizar esse saber àqueles que a ele recorrem. O mestre corporifica, assim, a ancestralidade e a história de seu povo e assume, por essa razão, a função do poeta que, através do seu canto, é capaz de restituir esse passado como força instauradora, que irrompe para dignificar o presente e conduzir a ação construtiva do futuro.

Pode-se dizer, então, que a realidade de pobreza e marginalidade foi vivida por todos renomados mestres dessa época, e grande parte deles morreu nessas condições.

A partir daí, passamos a uma segunda fase histórica da capoeira no Brasil, que teve início após a disseminação da Capoeira Regional do Mestre Bimba. Nesse momento, o processo de formação sofre algumas modificações que afetam, de certa maneira, a configuração do sistema de transmissão do saber existente até então –

embasado no aprendizado pela imitação – para o treinamento físico e alguns pré-requisitos técnicos que eram e são fundamentais para a prática da Capoeira.

Para tanto, é preciso entender como se deu o processo de criação da Luta Regional Baiana e, através dela, o surgimento dos dois mais respeitados e conhecidos mestres da história. É sobre isso que trataremos na próxima seção.

2.1 MESTRE BIMBA E MESTRE PASTINHA: DUAS VERTENTES DE UMA MESMA CAPOEIRA

> "[...] Mandingueiro, cheio de malevolência, era ligeiro o meu mestre, jogava conforme a cadência, do bater do berimbau, salve o Mestre Bimba, criador da regional [...]" (trecho da música Iaiá Ioiô, Mestre Camisa).

Manuel dos Reis Machado, o "Mestre Bimba", foi o criador de uma das vertentes da capoeira, a "regional". Desde o seu nascimento, em 23 de novembro de 1900, Manuel foi apelidado de Bimba. Nasceu e se criou no bairro do Engenho Velho em Salvador-BA, e, antes dos doze anos, iniciou-se na capoeira, tendo como professor um negro africano chamado Bentinho, capitão da Companhia Baiana de Navegação. Após quatro anos de aprendizado, Bimba passou a lecionar Capoeira na Capitânia dos Portos da Bahia, onde permaneceu por mais de dez anos.

Bimba teve sua formação dentro do mesmo processo que tratamos até aqui. Vale ainda salientar que ele, acima de qualquer posicionamento, era um capoeirista fabuloso, um verdadeiro mestre, reconhecido e respeitado pelos capoeiristas da época. Entretanto, foi a partir do final da década de 20 que Mestre Bimba começou a modificar todo o cenário capoeirístico, político e cultural da cidade de Salvador e, posteriormente, de todo o Brasil.

Partindo do pressuposto de que a capoeira existente até então estava se diluindo, principalmente no que se refere a sua capacidade combativa, Bimba desenvolve outra abordagem para prática da capoeira, a qual ele denomina de Luta Regional Baiana. Em meio a uma sociedade notoriamente preconceituosa e classista, Mestre Bimba sofria na pele o descaso e a perseguição tanto à capoeira como para as demais manifestações culturais africanas. Tanto o é que a prática da capoeiragem era uma atividade criminosa presente no Código Penal da época, como já foi visto anteriormente nesta dissertação.

Então, Bimba fundiu a tradicional capoeira, praticada desde a escravidão, com alguns golpes de uma luta africana chamada de Batuque, da qual seu pai, Luiz Cândido Machado, era exímio lutador. Batizou esse novo estilo, conforme já foi mencionado, de Luta Regional Baiana, objetivando, assim, a desmarginalização[22] da capoeira e as suas consequências. Esse novo estilo difundiu-se com o nome de Capoeira Regional, obrigando uma maior caracterização da capoeira antiga, que começa, então, a ser chamada de Angola, como referência à sua origem, notoriamente de raízes africanas.

A presença de Mestre Bimba na história da Bahia, segundo Filho (1997), é muito mais significativa que a figura do criador dum método para o ensino rápido de capoeira. É, conforme seus antigos alunos, o *"divisor de águas"*, responsável pela evolução do aprendizado artesanal na roda popular de capoeira ao ensino sistematizado num curso de educação física, reconhecido pelo Ministério de Educação. E é justamente esse o ponto chave da relevância de mestre Bimba para este estudo, ou seja, a criação de um novo percurso formativo para capoeirista.

A importância de Bimba para a capoeira pode ser medida através de algumas de suas realizações, como a influência direta que teve para que a capoeira saísse da marginalidade, após ter fundado sua academia, em 1932, no Engenho de Brotas, em Salvador, denominado Centro de Cultura Física Regional Baiana. Mestre Bimba recebeu, em 1937, da Secretária da Educação, Saúde e Assistência Pública, o titulo de Diretor do curso de Educação Física, de Salvador-Bahia, marco primordial para o reconhecimento da Capoeira como esporte e ponto edificante para o começo do processo de institucionalização da prática.

O grande diferencial do Mestre foi a criação de um método de ensino para capoeira. O "Curso de Capoeira Regional" tinha uma duração variável, de seis meses a um ano, com aulas de uma hora, três vezes por semana. No curso, o capoeirista aprendia a ginga, as oito sequências de ensino e a cintura desprezada.

---

[22] Trocando o nome da prática para Luta Regional Baiana, e com algumas mudanças como de método de ensino, critérios de avaliação e aulas em recinto fechado, Bimba começa e reconfigurar o arquétipo do capoeirista baiano, enquadrando-o num perfil de lutador, esportista, que fosse mais aceito pela sociedade. Vale lembrar que o período histórico, político e social vigente buscava a reconstrução da identidade do povo brasileiro, em prol de uma verdadeira limpeza social e cultural, em que o modelo esportivizado, limpo, branco de capoeira, proposto por Bimba, encaixava-se perfeitamente, de modo que ele, conscientemente ou não, propiciou o enquadramento sociocultural, ou melhor, uma aculturação não condizente com os valores estabelecidos na capoeiragem até então. *"A capoeiragem como um esporte negro: Angola e Regional"*. Reis (1997), e "Mestre Bimba: agente de mudanças." Vieira (1998).

Tendo aprendido a gingar[23], o iniciante passaria às sequências de ensino, as quais consistiam em séries pré-estabelecidas de movimentos de ataque e defesa, que os capoeiristas faziam em duplas, simulando um jogo de Capoeira. Na realidade tratava-se de uma grande sequência, dividida em oito partes, com grau de dificuldade crescente, reunindo os principais movimentos utilizados na Capoeira, entre esquivas, golpes traumáticos e desequilibrantes.

Em todas as aulas, o iniciante treinava as sequências e a cintura desprezada com um "formado"[24], que era como Mestre Bimba chamava o capoeirista que já havia concluído o curso. Além disso, Bimba estabeleceu alguns critérios para a "seleção" de seus alunos, tais como testes de aptidão física e a necessidade do aluno estar estudando ou trabalhando[25]. A partir de então, a capoeira deixa de ser uma atividade quase que exclusivamente negra, de resistência e lazer, passando a ser inserida nas classes sociais mais abastadas.

Nesse processo institucionalizador, existiam contrapontos interessantes, afirmando a influência direta que os seus alunos, principalmente os acadêmicos da faculdade de Medicina, tiveram na elaboração e na construção de muitas normas do Curso de Capoeira Regional. Como exemplo, temos os nove mandamentos da capoeira regional, teoricamente regidos por Bimba:

> 1. Deixe de fumar, é proibido fumar durante os treinos;
> 2. Deixe de beber, o álcool prejudica o metabolismo muscular;
> 3. Evite demonstrar aos seus amigos de fora da "roda" seus progressos. Lembre-se de que a surpresa é a melhor aliada numa luta;
> 4. Evite conversa durante o treino. Você está pagando o tempo que passa na academia, e observando os outros lutadores aprenderá mais;
> 5. Procure gingar sempre;
> 6. Pratique diariamente os exercícios fundamentais;
> 7. Não tenha medo de se aproximar do oponente. Quanto mais próximo se mantiver, melhor aprenderá;
> 8. Conserve o corpo relaxado;
> 9. É melhor apanhar na "roda" que na "rua". (VIEIRA, 1999, p. 166)

Devemos atentar para alguns pontos essenciais. Primeiro, é evidente um conceito de saúde embutido nessas normas, sem nenhuma relação com os hábitos e as crenças africanas tão presentes na capoeira até então. Já vimos, em

---

[23] O mestre ensinava a ginga de mãos dadas com o aluno, método pedagogicamente africano.

[24] Termos como formado, formatura, batizado e até o próprio Mestre são características da presença dos universitários da Faculdade de Medicina de Salvador que foram alunos de Bimba.

[25] Critérios como esse afirmam a caracterização da capoeira esportivizada, de certa maneira estabelecendo um biótipo mais apropriado para a prática, e afastando a capoeira das suas características culturais mais marcantes, como o vínculo aos negros e aos pobres.

depoimentos anteriores, que a bebida fazia "parte" do jogo, assim como o fumo está atrelado à cultura do negro. Nesse ponto, o próprio mestre Bimba contrapunha seus mandamentos, como por exemplo, quando entrava na sua roda a "mulher barbada"[26], que fazia com que seus alunos perdessem o nervosismo e ansiedade com apenas um gole, e, ainda, quando impunha punições e multas, que, mesmo em tom de brincadeira, remetiam ao consumo de bebidas alcoólicas, segundo mestre Itapoá[27]*:*

> "[...] você chegava atrasado, ele fazia piada, multava: seis cervejas para depois do treino, ou quatro mulher barbada porque chegou atrasado; tocou no chão e sujou a roupa, ele olhava e dizia: ah.. quatro cervejas [...]"

Essas divergências mostram um dualismo entre discurso e prática, pois, para os regramentos sociais, Bimba estabeleceu critérios que os contemplavam, porém, no cotidiano de sua academia, muitos elementos presentes na formação antiga ainda predominavam.

A partir de então, o processo formativo dos Mestres se bifurcava em duas vertentes: os Mestres da Capoeira Regional, formados em função do aprendizado da capoeira através do curso de Mestre Bimba, pioneiro na hierarquização dos capoeiristas; e os mestres antigos, ainda formados somente por experiência e reconhecimento.

Decanio Filho (1997) descreve poeticamente Mestre Bimba:

> Não posso conceber Mestre Bimba... dentro dos terreiros do Céu Ele não caberia no Paraíso... porque foi o símbolo... da Liberdade do Homem! Seu limite é o Universo... que inclui Céu, Purgatório e Inferno... onde habitam as almas preconceituosas... que não reconhecem a grandeza do Deus... que habita em cada um de nós... independente de cor, cultura ou escolaridade... Bimba não daria rasteira em anjos... na terra ou no céu... porque é proibido... um mestre dar rasteira em principiante...

Numa vertente aparentemente antagônica, junto com a criação da Luta Regional Baiana e com a legalização da Capoeira na década de 30, começou um processo de perda de *identidade*[28]*,* devido ao deslocamento da concepção de capoeira negra para a mestiça, embranquecida. E, em resposta a esse processo,

---

[26] Nome dado a uma espécie de cachaça, produzida pelo próprio mestre.

[27] Trecho do documentário Bimba: A capoeira iluminada. No decorrer da pesquisa, outros trechos do mesmo documentário serão citados e, para facilitar a leitura, utilizaremos a abreviação *Doc. Bimba*. (um filme de Luiz Fernando Goularte - 2004)

[28] Segundo Hall (2000, p. 7), "a chamada 'crise de identidade' é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando, abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social."

surgem movimentos de preservação da Capoeira pré-regional, denominada então como Angola e tida como a “mãe”, matriz e detentora de todas as características e fundamentos originais da capoeira. Surge, também, um Mestre que ficaria marcado na história como um ícone máximo da Angola, por ser exímio jogador, por preservar as tradições, mas, acima de tudo, pela sua postura como pessoa.

Nascido em Salvador-Bahia, no dia 5 de abril de 1889, Mestre Pastinha é o retrato mix étnico/cultural, fomentador da capoeira e do povo brasileiro. Filho de um comerciante descendente de espanhóis chamado José Señor Pastinha com uma negra descendente de africanos, nascida em Santo Amaro da Purifiação-Bahia, chamada Raimunda dos Santos, Vicente Ferreira veio a tornar-se um dos maiores mestres da história da capoeira, conhecido como o guardião da capoeira angola.

Conheceu a capoeira aos oito anos de idade, quando um negro africano, chamado Benedito, resolveu lhe ensinar a arte, e, desde então, seu aprendizado tornou-se eterno; Pastinha fez da capoeira uma filosofia e sua energia vital. Sua importância nos é apresentada de uma forma muito abrangente por Filho (1997), por quem Mestre Pastinha é assim descrito:

> Pastinha transcende assim ao humano... Transforma-se num agente social... vence a curta duração da vida humana... se perpétua pela sua obra... transmitindo seu Sonho a um Aluno Continuador... contaminado pelo mesmo Ideal... Sem Pastinha... a capoeira seria hoje... apenas uma nova arte marcial... num mercado dominado pelos orientais... Pastinha foi o guardião da liberdade de criação... da inocência dos componentes lúdicos... da beleza da coreografia... o gênio que desvendou... em palavras simples e puras... os aspectos místicos da capoeira.

Mestre Pastinha emerge da necessidade de autoafirmação étnica do negro, da manutenção das matrizes africanas. Começou a dar aulas de capoeira antes dos 20 anos de idade, e, em seguida, abriu sua escola, que permaneceu aberta entre 1910 e 1922[29]. Ainda em 1922, a escola mudou de endereço, assim como o perfil dos alunos do mestre – que eram, em sua maioria, artesões, trabalhadores – que passam a ser, prioritariamente, alunos universitários que moravam nas repúblicas próximas. *“(...) ensinei a muito estudante de Direito, Farmácia, Medicina, de quase*

[29] Evidencia-se, aí, uma grande contradição no discurso popular da capoeira, até mesmo em diversos estudos acadêmicos, visto que o ensino da capoeira em recintos fechados, institucionalizados, é remetido ao advento da capoeira regional do mestre Bimba. Logo, nota-se, pelos dados informados, que a escola de mestre Pastinha já funcionava antes mesmo da criação da Regional do mestre Bimba.

todas as profissões." Jornal da Tribuna Bahia, 14 de janeiro de 1973, apud Reis (1997, p 139).

Contudo, foi a partir da década de 40 que mestre Pastinha começou a se sobressair enquanto maior nome da capoeira angola. Por reconhecimento de outros importantes mestres, ele foi convidado a tomar conta de uma escola no largo do pelourinho, denominada "Centro Esportivo de Capoeira de Angola", espaço em que ele inseriu o uso de um uniforme, assim como estabeleceu hierarquias que, até então, não apareciam na tradicional capoeira. Segundo Falcão (2004, p.41), "Os seguidores da Angola relutam em defender seu estilo de capoeira como o mais 'tradicional', desvinculado dos códigos esportivizantes e hierarquizantes" que caracterizariam a Capoeira Regional. Entretanto, as diretrizes e discursos do mestre Pastinha contradizem essa árdua defesa.

Outra contradição está presente no discurso apresentado anteriormente, do Mestre Gato Preto, no qual o mesmo afirmava que a capoeira angola, até a década de 40, não tinha fins de trabalho, que era apenas uma prática cultural e recreativa. Já os estudos de Reis (1997) dizem que mestre Pastinha utilizava a capoeira como trabalho na década de 20, e apenas *"quando sua arte negava sustento"* trabalhava em diversos outros ofícios.

Essas duas posições apresentadas pela história dos Mestres Bimba e Pastinha trazem à tona, talvez, a maior problematização da capoeira no decorrer dos anos: "qual dos estilos é o detentor da legitimidade, da verdadeira capoeira?". Não temos como objetivo entrar em pauta de tal embate, especificamente na questão da legitimidade da capoeira, servindo-nos apenas como ponto de partida para uma nova estruturação formativa do arquétipo do mestre de capoeira.

Para um melhor entendimento, subdividiremos os dois processos. Na capoeira Angola, ensinada pelo Mestre Pastinha, o conhecimento dos rituais, do jogo, e o respeito com os mais antigos eram fundamentais. Não havia tempo pré-estabelecido, contudo, os treinamentos nas academias se confundiam com o aprendizado informal nos diversos pontos de encontros dos capoeiristas. Em suma, era uma formação vivencial, de prática e reconhecimento.

A capoeira Regional do Mestre Bimba, por sua vez, estabelecia uma série de critérios no processo de formação, desde exames físicos para a aceitação no grupo, passando pelos critérios técnicos no aprendizado das sequências de ensino, e de coragem e destreza nos cursos de especialização. O tempo variava de estágio para

estágio; o calouro tinha um prazo de seis meses aproximadamente para o aprendizado das sequências. Já os cursos de especialização normalmente eram dois, com intervalos de um ano entre eles, tendo duração de três meses, dois na academia e um nas matas da Chapada do Rio Vermelho.

A Regional de Bimba formou uma nova geração de capoeiristas, que são os maiores responsáveis por disseminá-la pelo mundo. Com presença em mais de 150 países, e praticantes que ultrapassam os cinco milhões, como que concretizando um sonho do Mestre Bimba. Ele dizia, segundo Mestre Itapoá (Doc. Bimba), que "tinha criado a capoeira para o mundo". Itapoã reforça dizendo: "ele enxergava isso lá na frente, e que eles (alunos) eram limitados para enxergar".

Quando tratamos de Pastinha, têm-se como pano de fundo diversos outros capoeiristas, Mestres, que se firmaram na Capoeira Angola e mantiveram o processo de formação muito similar ao que já vimos, claro que sempre volúvel às adaptações históricas dessa manifestação cultural "híbrida". Não cabe em discursos nostálgicos de legitimidade e originalidade, visto que Pastinha aproximou muito a formação dos moldes propostos por Bimba, que por sua vez, marca a criação de graduações e a necessidade de afirmação enquanto luta e esporte, muito embora ele mesmo tenha sido formado pelo aprendizado vivencial da antiga capoeira.

Não ficaram esclarecidos, nos estudos a respeito desses mestres, suas concepções, critérios e metodologias a respeito do alcance do título de mestre. O curso proposto pelo mestre Bimba deixa estabelecido quais são esses critérios até a condição de aluno especializado, sem referências diretas nem dele, nem de Pastinha, sobre a formação específica do mestre. Podemos, então, pressupor que o alcance desse título não estava na simples condição do treinamento ou da vivência, precisando, sim, de reconhecimento dos pares, dos demais mestres e capoeiristas.

Na tentativa de responder essa questão, citaremos grandes mestres, alunos de Bimba e Pastinha, sobre a formação do mestre: "(...) O doutor da Capoeira é a sabedoria. Para conseguir tem que prolongar a vivência na arte (...)" Mestre Gato Preto.

"Eu não visualizo o mestre por sua idade, penso que ser mestre é ter reconhecimento e respeito." Mestre Nenel[30].

---

[30] Manuel Machado, filho do mestre Bimba.

Outra peculiaridade dos dois mestres é que, mesmo sendo as maiores referências da história da capoeira, não tiveram vida fácil em nenhum momento. Ambos têm um fim de vida tragicamente coincidente, pois morreram pobres e abandonados. Bimba faleceu em 1974, Pastinha em 1981, e, quando acompanhamos as declarações sobre as referidas mortes, principalmente feitas pelos seus alunos, ou pelos vários estudiosos da capoeira, a comoção é um sentimento que não se pode conter. Entretanto, há uma dúvida que eu trago comigo há muitos anos: onde estavam os amigos intelectuais, poetas, compositores de Mestre Pastinha[31], que morreu na mais absoluta miséria e abandono no coração de Salvador. Mestre Bimba, por seu turno, faleceu em Goiânia, após acreditar em promessas de uma vida melhor de um aluno, fator que fez com que o Mestre trocasse Salvador pela capital de Goiás.

Quando refletimos na questão da formação, principalmente dessas duas figuras ímpares na capoeira, conclui-se que foram muito mais do que instrutores de luta, dança, ou folclore. Pastinha e Bimba são sinônimos de caráter, são pedagogos, promotores culturais, lutadores. Os seus feitos enquanto mestres de capoeira apenas se tornaram possíveis porque os dois eram mestres da arte da vida; as experiências na marinha ou na estiva, na sapataria ou na carvoaria, de pedreiro ou pintor, foram os fatores preponderantes que, junto à perspicácia na leitura temporal da capoeira, eternizaram esses mestres como os maiores sinônimos da capoeiragem.

“Bimba com certeza é o maior homem que eu já conheci. Ele não era um Mestre de capoeira, era um construtor de homens”. (Mestre Decânio, Doc. Bimba)

A capoeira, desde o início do século XX, tem a figura do Mestre como fundamentação de sua ancestralidade e tanto Mestre Bimba quanto Mestre Pastinha atuaram de forma incisiva na luta pela preservação e reconhecimento da capoeira em tempos hostis, o que dignifica ainda mais seus atos. O importante é que consigamos, capoeiristas ou não, entender que a capoeira está acima de qualquer

[31] Existem muitas referências a respeito de pessoas importantes, ligadas à arte e à política, que se intitulavam grandes amigas de mestre Pastinha. Também, até hoje, existem vários mestres que viajam o mundo discursando e jogando capoeira, que, com muito orgulho, enaltecem suas narrativas como alunos do mestre Pastinha. A nossa dúvida, não de forma pejorativa, e sim por curiosidade, é saber se o mestre Pastinha não conseguiu criar nenhum vínculo, durante essa longa jornada, que lhe garantisse não apenas o reconhecimento do estado, mas também de algum dos seus alunos, visto que ele morreu abandonado em condições desumanas, num abrigo de idosos de Salvador.

padrão – é natureza, imprevisibilidade, corpo e conhecimento – e que, para ser detentor de seus saberes, o tempo e a prática são caminhos indissociáveis.

Então, conclui-se que as distinções nos processos formativos, carregados de singularidades e divergências históricas, cruzam-se num ponto comum: o mestre. Nesse sentido, evidenciamos que todo esse afastamento metodológico de Bimba e Pastinha tem na formação, na aceitação do mestre, uma uniformidade, um consenso, e que tal formação sofrerá mutações com o acelerado crescimento da capoeiragem a partir dos anos 60, mudando novamente o contexto de formação e o arquétipo do mestre.

2.2 CAPOEIRA CONTEMPORÂNEA, MESTRE CONTEMPORÂNEO?

Neste capítulo, atravessaremos a história da capoeira em dois estados brasileiros, Rio de Janeiro e São Paulo, tendo o intuito de aferir como se deu o início do acelerado processo de expansão da capoeira, primeiramente no Brasil e, posteriormente, no resto do mundo. O objetivo principal é de justificar uma nova roupagem da capoeira, que emerge em discursos a partir dos anos 80, chamada de "*capoeira contemporânea"*, e, da mesma forma, conhecer quem é o mestre contemporâneo, como ele se forma, sob quais circunstâncias e valores.

Começaremos a analisar a disseminação da capoeira a partir, principalmente, da década de 60, época em que diversos capoeiristas baianos migraram para a região sudeste e sul do país, dando início a um crescimento geométrico do número de praticantes, à formação dos grupos de capoeira como espaços de formação identitária, e, consequentemente, à proliferação dos mestres de capoeira pelo mundo.

Como recorte desse processo, focaremos o desenvolvimento da capoeira nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, pois servirão como referência para os sequentes desdobramentos da capoeira pelo Brasil e pelo mundo. Sustentando esse pressuposto, está o fato de que, nesses estados, estão situadas as matrizes de alguns dos maiores grupos de capoeira do mundo.

2.2.1 A capoeira em São Paulo

Historicamente, sabe-se que os primeiros capoeiristas a desembarcar em terras paulistanas foram dois alunos formados e especializados pelo mestre Bimba, Esdras Magalhães dos Santos (Damião) e Manoel Garrido Rodeiro (Garrido), no final de 1948. Entretanto, a divulgação da capoeiragem em São Paulo teve mais força com a chegada, ainda 1948, do próprio mestre Bimba, que vinha acompanhado de mais cinco alunos: Brasilino, Clarindo, Edvaldo, Jurandir e Adib. Todos eles juntaram-se para diversas apresentações e competições de vale-tudo[32], que tiveram início em fevereiro de 1949. São eles, então, reconhecidos na história como os percussores da capoeira nesse estado.

No entanto, foi apenas na década de 60 que a capoeira começou a se firmar em São Paulo. Alguns nomes são apontados como principais responsáveis: os baianos José de Freitas (mestre Zé Freitas), Reynaldo Ramos Suassuna (mestre Suassuna), Antonio Cardoso de Andrade (mestre Brasília) e Paulo Gomes da Cruz (Mestre Paulo Gomes); e um paulista chamando Dejamir Pinatti (mestre Pinatti), que teve seu aprendizado dirigido pelo mestre Zé Freitas. E, ainda nessa mesma época, destacam-se os irmãos Valdemar dos Santos (Valdemar Angolinha) e Durvaltércio Alves dos Santos (mestre Bolinha).

Um fato interessante, que serve como marco para o surgimento da capoeira contemporânea, é a junção de estilos, com mestres da capoeira angola e mestres da capoeira regional dividindo o mesmo espaço, a mesma roda. Mesmo que defendendo o estandarte de algum estilo específico, esse elemento agregador é marcante na capoeira paulista, e, como exemplo maior, tem-se a criação do Grupo Cordão de Ouro, fundado pelos mestres Suassuna (Regional) e Brasília (Angola).

Chegada a década de 70, começam a emergir as maiores problematizações em torno da prática. A capoeira em São Paulo estava solidificada, tendo quase uma dezena de academias em funcionamento, com número crescente de alunos, sendo homologada, em 1972, como “esporte de competição”, e, em 1974, foi inaugurada a Federação Paulista de Capoeira, a primeira federação do Brasil[33].

---

[32] Competições contra lutadores de outras modalidades, com o objetivo, na época, de por em prova qual era a mais eficiente para o combate.

[33] Devemos lembrar que esse processo de esportivização teve início ainda nos anos 30 e 40, com os mestres Bimba e Pastinha, cada qual a sua maneira, que, dentro das demandas temporais, criaram centros que remetiam a prática da capoeiragem, lúdica e cultural, à atividade esportiva e à

De todo esse processo, as questões que mais nos interessam são as ligadas ao processo de formação do mestre. Por isso, discutiremos apenas a tentativa, via Federação Paulista de Capoeira, de criar um padrão único para a capoeira, que teria nomenclaturas específicas, regras para campeonatos, critérios para uniformes e também para graduações.

Assim sendo, a formação do capoeirista sofre novas mudanças. Lembremos que, até a criação da capoeira regional, a formação não tinha métodos nem subdivisões, tendo apenas duas distinções: o capoeirista e o mestre. A partir da regional, temos o calouro, o formado, o especializado e o mestre; e na angola, mestre Pastinha estabeleceu diversos estágios para os mestres.

O modelo de formação proposto pela Federação Paulista foi aceito por alguns grupos e rejeitados por outros. Estes, por sua vez, criaram graduações próprias, de acordo com a filosofia de seus mestres. Por exemplo, enquanto a Federação propôs graduações com as cores da bandeira do Brasil, o grupo Cativeiro, então regido pelo mestre Miguel, fez graduações com as cores dos orixás, defendendo a cultura negra, que, segundo ele, estava sendo negada pela proposta da Federação Paulista[34].

Dessa maneira é que toda a expansão da capoeira se molda, sem controle algum, devido ao qual qualquer capoeirista poderia, e ainda pode, a seu critério, montar seu próprio grupo, seu próprio processo metodológico, com as suas verdades. Cientes disso, passaremos para o estado do Rio de Janeiro, em que um processo similar acontece.

2.2.2 A capoeira no Rio de Janeiro: Grupo Senzala e a roda de Caxias.

Não se pode negar a importância histórica da capoeira carioca do século XIX e início do século XX, que, como já vimos, era caracterizada pelas maltas e as suas disputas regionais e políticas. A capoeira desse estado foi praticamente dizimada no início do século XX, ficando apenas resquícios de sua prática com a “malandragem”

---

performance. Então, essa solidificação esportiva veio como consequência do que se iniciara na Bahia.

[34] Para um aprofundamento maior em todo esse processo, recomendamos a leitura do capítulo III do trabalho de Reis (1997): **A recriação da capoeira na metrópole paulistana:** A Federação Paulista de Capoeira versus os Capitães d’Areia e o Cativeiro (155 - 186).

da lapa[35]. No entanto, daremos especial enfoque à capoeira do Rio de Janeiro a partir da década de 60, por dois motivos: primeiramente, pela formação do grupo Senzala e, em segundo lugar, pela estruturação da roda de Caxias[36], no início da década de 70.

A história do grupo Senzala, contada nas linhas seguintes, justificará esse recorte temporal. Sabendo que nosso objetivo é continuar as reflexões sobre as variações nos processos formativos na capoeira, esse grupo, formado por adolescentes da classe média carioca, deu início aos padrões convencionais de treinamento e organização da capoeira atual.

Esse processo iniciou-se quando a família dos irmãos Paulo, Rafael e Gilberto Flores se mudou de Salvador para o Rio de Janeiro, especificamente para o bairro Laranjeiras. Paulo e Rafael, durante o período de férias escolares, voltaram a Salvador, no ano de 1963, e, convidados por um primo, treinaram por dois meses na academia do mestre Bimba. Nesse mesmo ano, os irmãos voltaram ao Rio de Janeiro, e resolveram continuar os treinamentos no terraço do prédio onde moravam. Rapidamente, um grupo de jovens do mesmo bairro começou a participar.

Os treinamentos eram baseados nas sequências de ensino do mestre Bimba, e só foram influenciados após a passagem, pela cidade, do espetáculo folclórico intitulado *"Vem, Camará"*, dirigido por um dos mais conhecidos alunos de mestre da Regional, chamado Acordeon. Ele próprio compareceu em algumas rodas no terraço, fazendo com que o nível da capoeiragem aumentasse por lá. Conforme Mestre Gato[37] relata,

> "[...] o Acordeon trouxe a nata da capoeira regional da época. Acordeon, conhecido do Paulo e do Rafael, foi no terraço e deu umas rasteiras na rapaziada, ensinando algumas malandragens e técnicas da regional." (Mestre Gato, 2002, p. 29)

Em 1966, durante um torneio denominado de Berimbau de Ouro, o grupo foi pela primeira vez apresentado como Senzala. Foi a primeira vez, também, que usaram uma referência de graduação; sua vestimenta era composta, além de outros elementos, por uma corda vermelha na cintura. A partir daí, a corda vermelha foi

---

[35] Maiores informações em **Capoeira, os fundamentos da malícia**. Nestor Capoeira 2000.
[36] Cidade de Duque de Caxias – RJ.
[37] Fernando Albuquerque fez parte da primeira turma de capoeiristas do grupo Senzala. Artigo: **Senzala:** Há quatro décadas fazendo a história da capoeira no Brasil e no mundo. Revista Praticando Capoeira. Ano II nº 24, 28-31. (2002)

instituída como a maior graduação do grupo, não fazendo menção à condição de mestre, pois, para o grupo, o ser mestre vem do reconhecimento dos alunos e da comunidade da capoeira.

O grande exemplo que o grupo Senzala deixou e ainda dissemina para a capoeira, além dos inúmeros capoeiristas lá formados, foi que, pela primeira vez, *estrangeiros* de fora da Bahia dominavam o cenário da capoeira, com um adendo: eram jovens da classe média carioca, geralmente brancos. O grupo Senzala introduziuu treinamentos baseados na repetição, bastante sistemáticos e com uma grande exigência das condicionantes físicas, e, inconscientemente, reestruturou a forma de ensino da capoeira.

> Por não ter um mestre e por não ter raízes, a juventude da Senzala ia inovando, acertando muitas vezes no que se referia à parte de treinamento codificado, mas afastando-se sensivelmente da essência da capoeira, e isso feito com o maior amor e empolgação juvenil, o que dava a esse movimento mais força ainda. (Capoeira, 2000, p.93)

Praticamente contemporâneos da vertente paulista que propunha uma unificação geral da capoeira, o grupo Senzala traçou o próprio caminho, correndo atrás de maiores conhecimentos com os velhos mestres da Bahia, em todas as férias, adquirindo novos membros, treinando e jogando sem “chefes” ou “regulamentos escritos”.

Para dimensionar ainda mais a importância desse grupo, citaremos alguns renomados mestres que se formaram corda vermelha no Senzala: os percussores Rafael, Paulo, Gilberto, Gato, Gil Velho, Eliseu Barra, Gorila, Antero, Sanfona, Bigode, Jimmy, William, Fala Mansa, Sorriso, Garrincha, Danadinho, Itamar, Peixinho, Borracha, Mosquito, Camisa[38]; e, já nos anos 70, Nagô, Capixaba, Jelon Vieira, Ramos, Toni Vargas, Boneco e muitos outros responsáveis diretos pela expansão meteórica da capoeira nos anos 80 e 90.

Já apresentamos anteriormente, em momentos distintos, o dualismo existente na capoeiragem desde a criação da capoeira regional na década de 30. Originalmente, há os contrapontos filosóficos de Bimba e Pastinha, e depois, em São Paulo, nas décadas de 60 e 70, entre a Federação Paulista de Capoeira e os

---

[38] José Tadeu Carneiro Cardoso, Mestre Camisa. Aluno formado do Mestre Bimba, criou, em 1988, a Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento à Arte-Capoeira (ABADÁ-CAPOEIRA), comumente conhecida como grupo Abada. Atualmente, é o mais representativo grupo em todo o mundo, com mais de 30.000 alunos.

grupos Capitães d'Areia e Cativeiro. No mesmo período, emerge, no Rio de Janeiro, uma roda de capoeira que irá se transformar no maior símbolo carioca de resistência à capoeira esportiva, institucionalizada, que tem como seu símbolo maior, até então, o grupo Senzala. A essa nova roda deu-se o nome de "a Roda de Caxias".

A Roda de Caxias começou despretensiosamente no dia 13 de junho de 1973, numa festa da igreja de Santo Antônio, localizada em Caxias. Devido ao sucesso da primeira edição, a roda passou a ser semanal, e, gradualmente, foi-se tornando um símbolo de resistência à capoeira esportiva, moderna, de forma que a maioria dos seus adeptos teve sua iniciação na capoeira esportiva e foram migrando aos poucos para uma capoeira sem rótulos.

> [...] Após a primeira roda, realizada pelo jovem grupo de jogadores de capoeira de Caxias, na Igreja de Santo Antônio, muitos deles ainda continuaram vinculados às suas respectivas academias por algum tempo, até que, em determinado momento, todos se desligaram de seus antigos mestres. Estar ligado à capoeira praticada nas academias era estar vinculado à capoeira estabelecida como produto no mercado dos esportes/ atividade física. O discurso do rompimento é exaltado pelos pioneiros da Roda de Caxias, vista como um espaço alternativo. Eles deixam claro que agora passaram para o "outro lado da ponte" – exatamente como seus antepassados escravos, os jovens pioneiros da Roda de Caxias estavam à margem do sistema vigente. (ALMEIDA, BARTHOLO E SOARES, 2004?, p. 217)

Posteriormente, com a chegada de mestre Morais à cidade de Duque de Caxias, e com sua frequência na roda, vários desses capoeiristas sem rótulos começaram a se identificar com a capoeira Angola ensinada e praticada pelo mestre Morais[39], assumindo, dessa forma, a condição de angoleiros, dentre os quais citamos o renomado Mestre Cobra-Mansa.

> A capoeira jogada na Roda de Caxias se afirma em seu discurso identitário como resistente aos tipos de enquadramento presentes nos modelos sistematizados existentes no mercado.(IDEM, p. 130)

O que podemos concluir é que, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, ou ainda na Bahia, desde a década de 30, o processo formativo do capoeirista toma diferentes rumos de acordo com algumas variáveis, tais como o estilo, a região do

[39] Pedro Morais Trindade, discípulo dos ensinamentos do mestre Pastinha. Outro baiano que migrou para a região sudeste com o propósito de divulgar a capoeira e, consequentemente, angariar melhores condições de subsistência. Atualmente, coordena o GCAP (Grupo de Capoeira Angola Pelourinho), radicado no Forte da Capoeira, antigo Forte Santo Antônio, em Salvador. Mestre Morais é um dos maiores expoentes da capoeira Angola ainda vivo e em atividade. Maiores informações podem ser obtidas em seu blog, no site www.mestremorais-gcap.blogspot.com.

país, a concepção do mestre, a localização espaço-temporal, o grupo. Ou seja, inúmeros caminhos podem ser seguidos, cada qual com sua carga de razão e despropósitos. Também, entendemos que em todos eles o dualismo existente entre os estilos está presente, sem esquecer da grande peculiaridade das capoeiragens carioca e paulistana, que apresentaram, pela primeira vez, uma mistura entre os estilos regional e angola.

Contudo, até esse período estudado, que tem um final sobreposto e indefinido no começo dos anos 80, e com resquícios até o presente momento, em todos esses processos, a formação do mestre é de extrema subjetividade, pois até mesmo a proposta inicial da Federação Paulista de Capoeira, e, posteriormente, da Federação Brasileira de Capoeira, que traziam os pré-requisitos básicos para cada estágio da formação do capoeirista, não definiam, ao certo, quais seriam os critérios formativos do mestre. Esses fatos históricos reforçam nossas hipóteses iniciais desse estudo, que traz a capoeira como um campo de formação humana, amparado na figura ancestral do mestre.

Isso, pois, conforme disse o mestre Camisa – talvez, de todos os mestres no mundo, o que possua um maior número de alunos –, *"[...] o mestre não se forma, ele se torna".* Torna-se por reconhecimento, por respeito, por conhecimento, por valentia ou por ideologia. Com tempo indefinido, seja pela comunidade, ou outorgado pelo seu mestre, o mestre *torna-se*.

A partir da década de 80, esses grupos se proliferaram de forma descontrolada. Hoje em dia, arriscaremos afirmar que é impossível fazer um levantamento fidedigno de quantos grupos de capoeira existem no Brasil; mais difícil ainda seria aferir esse número globalmente.

Como citamos, essa proliferação iniciada na década de 80 foi otimizada pela abertura do mercado exterior para os capoeiristas, que, com muita volúpia, adentraram em terras estrangeiras, principalmente na América do Norte e na Europa, a fim de alcançar o sonho de viver dignamente ensinando a capoeira. Muitos deles alcançaram seus objetivos, outros nem tanto. Deter-nos-emos apenas no valor mercadológico atribuído ao mestre neste cenário, mais uma característica da contemporaneidade na capoeira, em que uma corda de mestre nos grandes grupos tinha um alto valor, em dinheiro, visto as oportunidades seguintes que ela proporcionaria.

A tal capoeira contemporânea, esse advento da pós-modernidade, surgiu para atender a um deslocamento identitário dos capoeiristas, que, muitas vezes, não se enquadravam nos padrões seja da capoeira angola ou da regional. Por isso, eles necessitavam de uma nova identificação, de uma nova identidade (HALL, 2001). Conceituaremos, a partir de Falcão (2004), o que é essa capoeira contemporânea, e quem é o mestre contemporâneo.

Segundo Falcão (2004, p.47)

> A capoeira na contemporaneidade se caracteriza pelo complexo processo de criação de símbolos, de imagens, de memórias, de narrativas, de mitos, seguramente contraditórios, fragmentados e inacabados. Se for possível falar de uma capoeira contemporânea, seriam esses os traços desta. Os seus significados são tantos quanto as experiências contextuais vividas cotidianamente pelos diferentes grupos a partir do mais diferentes objetivos. Por isso, ela é múltipla e é nessa multiplicidade que vamos encontrar a força dos seus fundamentos.
>
> A capoeira contemporânea, se é que é possível falar dessa forma, constitui-se num amálgama que mistura o formal e o informal, o sagrado e o profano, o científico e o senso comum, o erudito e o popular, o coletivo e o individual, a tradição e a modernidade. Não porque se trata de um novo "estilo" de capoeira. Trata-se de uma nova forma de conceber e realizar os seus fundamentos.

Nessa nova concepção, formar-se-á o mestre contemporâneo, o próprio amálgama do formal e o informal, do sagrado e profano, científico e senso comum. Um mestre que não pode ser só prática, mas que deve ter muita prática. Um mestre que deve ser acadêmico, mas não pode deixar-se limitar pelas amarras do academicismo. É o mestre lutador, tanto no sentido literal do confronto, como também para as adversidades da vida, trazendo em seus posicionamentos cheiros da história da capoeira. Mestre que deve treinar muito, não somente para aplicar o golpe, mas simplesmente para ter a certeza que pode fazê-lo. Deve ser "cyber" e também nativo. Ou seja, deve ser um mestre capaz de apropriar-se da arte da capoeiragem, com todo o peso do seu título, para usar a ferramenta capoeira na amplitude e magnitude de uma proposta educativa.

A partir dos anos 80, a capoeira entra num outro recorte histórico, tornando-se uma real possibilidade de trabalho, principalmente no exterior. Por essa razão, uma leva indiscriminada de capoeiristas disseminou a capoeira pelo mundo. A questão pertinente é de que maneira ocorreu essa disseminação e quais foram os desdobramentos até os dias de hoje.

No capítulo seguinte, desbravaremos a vida de alguns mestres formados em meio a essa contemporaneidade, da angola, da regional, da contemporânea. Com graduação ou não, esportistas ou não. Capoeiristas, músicos, professores, pais, irmãos, amigos que revelaram minúcias desse campo de formação humana chamada de capoeira.

3 CONSTRUINDO O CAMPO EMPÍRICO

Tem-se a hipótese que “ser Mestre” na capoeira significa algo que transcende a prática, que está além dos conhecimentos históricos e culturais, numa junção do ser e do fazer; o Mestre se apropria da capoeira e dos seus atributos como uma filosofia de vida, um modo de ser, de conceber o mundo, de viver. Numa total coerência entre discurso e prática, então, torna-se impossível dissociar a capoeira da vida.

Somada a isso, está a capacidade dessas figuras transmitirem e perpetuarem a arte da capoeiragem, dando um significado diferente na vida de seus alunos. Por tais razões, entendemos ser necessário um maior compreendimento sobre os processos, as formas, os meios de formação desses mestres. Que caminhos são necessários percorrer? Existe um percurso pré-definido? Existe um arquétipo comum de Mestre? São essas algumas das questões que nos inquietam ao pensar nesse tema.

Para respondê-las, no intuito de atender aos objetivos deste trabalho, definimos que o melhor caminho era interrogar diretamente os Mestres. Devido à proximidade, à relevância e ao caráter regional, selecionamos Mestres formados na cidade de Pelotas; como única exceção, entrevistou-se, também, um Contramestre que formalmente ainda não recebeu a graduação de Mestre, mas que é considerado Mestre neste trabalho, visto que foi esse Contramestre que conduziu toda a formação do pesquisador na capoeira.

Devido à proximidade do autor desta pesquisa com o tema, não foi difícil identificar e selecionar tais Mestres. De toda a história da capoeira em Pelotas, tem-se o conhecimento da formação de quatro mestres, dos quais apenas um não é sujeito deste estudo. Trata-se de Mestre Julinho Brasil, por ser irmão de um dos entrevistados. Por entendermos que as trajetórias formativas de ambos foram muito similares, optamos, então, por entrevistar apenas o Mestre mais antigo da família.

A condição de ser Mestre foi definida a partir de alguns pressupostos básicos: usar a graduação (corda ou cordel) de Mestre; ser reconhecido pela comunidade como tal; ou, ainda, cumprir esses dois pressupostos. Sem fazer juízo de verdade, ou com objetivo de atestar o mérito para tal condição, apenas identificamos quem se enquadrava nos moldes pré-definidos e, então, partimos para as entrevistas.

A entrevista foi previamente semi-estruturada, a fim de contemplar as questões pertinentes diretamente ao estudo, mas também contou com certa maleabilidade que permitiu extrair alguns aspectos muito peculiares a cada um dos mestres. A entrevista estava dividia em três blocos distintos: no primeiro, havia questões relacionadas à trajetória de cada um na capoeira, e sobre a capoeira na cidade de Pelotas; no segundo bloco, o foco estava na formação do Mestre; e, num último momento, a ênfase foi dada a questões peculiares a cada um, muitas delas formuladas durante as próprias entrevistas, conforme o pesquisador achasse conveniente.

As questões do primeiro bloco foram estruturadas em quatro eixos principais: como se deu a trajetória enquanto capoeirista; quando começou a cena da capoeira na cidade de Pelotas; qual a importância da sua participação na história da capoeira pelotense; e quais seriam as outras referências da capoeira na cidade. Essa abordagem possibilitou um amplo conhecimento acerca da capoeiragem em Pelotas, servindo também para comprovar a hipótese de que os entrevistados foram os principais responsáveis pela propagação e a preservação da capoeira na metade sul do Estado.

No segundo bloco, partimos para as questões incisivas na formação do Mestre, primeiramente, a partir da suas concepções acerca da relevância, da importância do Mestre – se é que ele tem – na capoeira. A partir de então, abordaram-se duas temáticas paralelas: existe um caminho ou um método definido para formar o mestre na capoeira?; a formação do mestre contemporâneo, visto as novas demandas mercadológicas de inserção da capoeira, deve ter um perfil diferente dos antigos mestres formados exclusivamente na informalidade, no exercício da vida? Para finalizar, perguntamos aos entrevistados “quem é o teu Mestre?”, esclarecendo questões como a influência do Mestre na formação do capoeirista e também na formação de si, propriamente dita.

O terceiro e último bloco de entrevistas objetivou trazer à tona algumas peculiaridades de cada um dos sujeitos da pesquisa, dando uma individualidade maior aos depoimentos e enriquecendo o trabalho com as suas distintas experiências de vida. Isso mostrou que a capoeira possui um poder de adaptabilidade muito grande e que sua filosofia se incorpora sem padrões ou rótulos, sem necessariamente compor um estereótipo pré-definido. Em comum, percebeu-se apenas a paixão pela capoeira, pois encontramos Mestres historiadores,

colecionadores, empresários, músicos, introspectivos, crentes, empreendedores, pais, casados e solteiros.

E um fato curioso é que todos eles são de etnia branca, dissociando uma relação errônea, mas ainda existente, de um estereótipo de capoeirista, principalmente quando tratamos de mestres, estereotipados como sendo necessariamente negros. Esse dado traz evidência de que a capoeira tornou-se, muito provavelmente, a mais mestiça das práticas culturais, sem distinções de raça, credo, classe social ou gênero.

4 APRESENTANDO OS MESTRES

4.1 MESTRE CABELEIRA

[...] eu não me sinto mestre, eu sou um cara que gosta de capoeira e quer passar adiante e não quer viver dela [...] (Entrevista mestre Cabeleira, 2009)

Cristiano Cunha, nascido no dia 25 de dezembro de 1974, natural de Pelotas, começou a praticar capoeira em 1988. Atualmente, ministra aulas na Academia Spazio, da qual é um dos proprietários, e é formado em Educação Física pela ESEF (Escola Superior de Educação Física), da UFPel (Universidade Federal de Pelotas).

O Cabeleira, como gosta de ser chamado, pode ser considerado um cara excêntrico por natureza. Tem ideais de vida muito distintos e característicos, ideais que formam uma filosofia de ser e ver o mundo claramente externada na sua capoeira.

Mesmo tendo uma iniciação similar aos seus capoeiristas contemporâneos, seguiu um caminho aparentemente paralelo, preocupando-se, sempre, em manter o que ele considera ser a raiz da capoeira, ou seja, levar adiante os fundamentos dos antigos Mestres da Capoeira Angola, coisa que faz com maestria.

Seu início na capoeira foi com o Adílson[40], em outubro de 1988. Atiçado pelas apresentações a que teria assistido no colégio, resolveu largar o futebol para entrar nas aulas de capoeira. A identificação com a prática foi imediata.

Em meados de 1989, o professor Adílson saiu da cidade por motivos profissionais, e, para que não se perdesse o espaço de treinamento, na Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), Cabeleira e um colega – que posteriormente transformou-se num grande amigo, Dirnei – ficaram responsáveis por dar sequência às aulas até o final do mesmo ano. Os remanescentes tinham apenas alguns meses de prática, porém contavam com o consentimento e a confiança do professor Adílson. “[...] e aí começou e a gente teve que aprender sozinho, teve que começar a correr atrás [...]” (Mestre Cabeleira. 2009)

Ainda em 1989, Cabeleira se aventurou, juntamente com Dirnei, em uma viajem para São Paulo, para participar de um evento na USP (Universidade de São Paulo), organizado pelo mestre Gladson de Oliveira, que reuniria grandes nomes da

[40] Professor de Educação Física, um dos alunos do mestre Sandoval que deu continuidade ao trabalho do mestre em Pelotas.

capoeira, como os mestres João Grande, João Pequeno, Ezikiel e Itapoã. Tratava-se de uma oportunidade única, principalmente para dois iniciantes, que estavam por sua conta e risco desvendando os segredos da capoeira.

Esse evento foi determinante na formação capoeirística de Cabeleira, pois, ao comparar o que viu e ouviu dos grandes mestres em São Paulo, deparou-se com uma grande lacuna, pois, segundo ele, nada do que faziam em Pelotas se aproximava dos ensinamentos dos discípulos de Bimba e Pastinha.

> [...] quando eu vi o mestre João Pequeno e o João Grande fazendo, eu fiquei pensando, e quando eu vi o pessoal da capoeira regional eu fiquei pensando: 'tchê, mas é diferente do que a gente faz lá'. Eu disse: 'não pode ser', aí eu fiquei pensando 'quem é que vai tá certo?? Acho que eles que estão, a linha do Mestre Pastinha e do Mestre Bimba, a nossa capoeira lá tá toda errada, é só pé pra cima e dar mortal, pé pra cima e dar mortal, não, não, não existe isso, eu não vejo eles fazerem isso', e eu comecei a ver que a coisa não era bem por aí, e isso foi até uma decepção pra capoeira de Pelotas [...] (Entrevista mestre Cabeleira, 2009)

Essa decepção, relatada pelo depoente, é justificada pela posição de ídolo que o mestre Sandoval tinha na cidade, e, a partir do momento em que suas práticas e conceitos fossem postos à prova – principalmente sendo comparando com os grandes nomes da capoeira, alunos diretos dos mestres Bimba e Pastinha –, geraria certo desconforto nos capoeiristas locais.

Independentemente disso, Cabeleira tomou para si o rumo dos discípulos de Pastinha, por acreditar que esse era o caminho mais curto até as origens da capoeira, sem desdobramentos ou adaptações, trilhando sua história praticamente sozinho.

> [...] eu pensava assim: 'se eles começaram sozinhos assim, há tanto tempo atrás, eu também com mais recursos posso me virar sozinho, né?'. Comecei a batalhar livro, batalhar material. Aí, né, na época, não existia internet; era muito telefone, era foto, era correndo em casa de coisa usada [...] (Entrevista mestre Cabeleira, 2009)

Ilustração 9. Cabeleira jogando com Mestre João Pequeno em São Paulo. (AP mestre Cabeleira, 1991)

Firme nos seus conceitos, Cabeleira afirma-se como um estudioso da capoeira, talvez uma das maiores referências do Brasil no assunto. Possui uma coleção de artefatos históricos da prática, uma infinidade de LP's, fitas K7, VHS, livros, quadros, instrumentos e fotografias que mereciam um estudo à parte, todos aglutinados num pequeno quarto de um antigo casarão no centro da cidade, trazendo um ar nostálgico e mágico, como se estivéssemos entrando num portal para o passado. Porém, somos trazidos à realidade pela postura desse capoeirista, que tem no seu arquétipo a junção da tradição com a modernidade, claramente evidenciada nas suas coleções e no uso de uma variedade de equipamentos multimídia, que lhe permitem usufruir do imensurável alcance informativo da globalização, para solidificar ainda mais seu arquivo histórico.

Ilustração 10 Quarto do Cabeleira, verdadeiro templo de conhecimento capoeirano. Uma infinidade de objetos que traduzem suas concepções políticas, musicais, capoeirísticas e até mesmo futebolísticas. (AP do autor 2009).

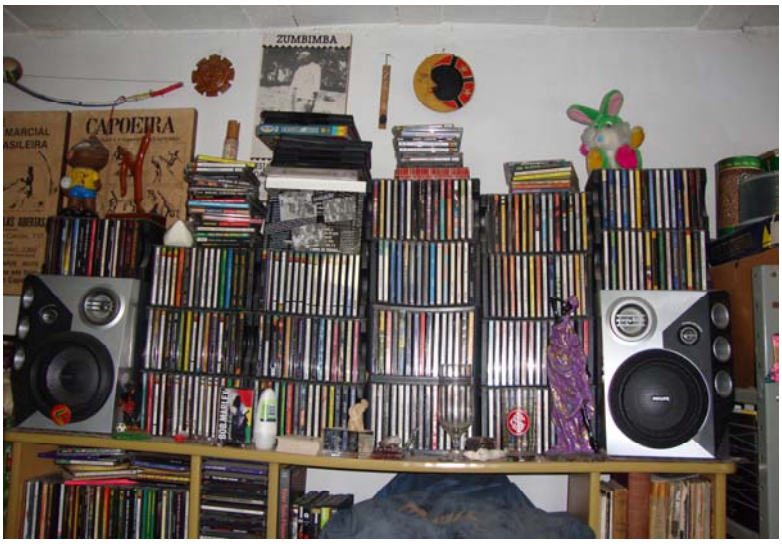

Ilustração 11. Quarto do Cabeleira 2. (AP do autor 2009)

Ilustração 12. Fita K7 do mestre Pastinha, considerado pelo mestre Cabeleira um dos objetos de maior importância da sua coleção, pois foi com ela que encontrou inspiração para continuar na capoeira. (AP do autor 2009).

Sua concepção sobre a capoeira da atualidade é de que a grande padronização de movimentos gerada pelo crescimento das franquias dos grandes grupos está tirando o que a capoeira tinha de mais valioso: a naturalidade, a identidade do capoeirista. Não concorda com a imposição de grupos e mestres, que alienam seus alunos, sem lhes dar autoridade de criar. Tem maneira específica de gingar, de cantar e de vestir. A sua posição com os seus alunos é a seguinte: “[...] muito é reflexo do mestre, [...] o que eu quero tentar fazer é que eles não tenham a

minha ginga, que ele tenha a ginga dele. Eu digo, ginga do teu jeito, mas, às vezes, acaba que o mais influenciado copia [...]" (Entrevista mestre Cabeleira, 2009).

Sua relação com a capoeira de Pelotas atualmente é de manter sua postura, e continuar firme nos seus ideais. Continua dando aula no mesmo espaço há 17 anos, e, com certeza, receberá qualquer um, seja para uma conversa franca sobre a capoeira e a vida, seja para uma aula de capoeira angola, ao som de algum antigo mestre baiano.

Ilustração 13. LP Original do mestre Pastinha, lançado em 1969. O objeto que o mestre mais desejava possuir. (AP do autor 2009).

Ilustração 14. Cabeleira, de calça listrada, jogando com Michel. Roda de final de ano na academia Spazio. Esta roda ocorreu tradicionalmente no final do mês de dezembro, durante vinte anos ininterruptos. (AP mestre Cabeleira, 1998)

4.2 MESTRE MICHEL

Michel da Silva Gomes nasceu no dia 21 de dezembro de 1974, em Pelotas. Iniciou na capoeira em 1986. Atualmente, é professor de Educação Física formado pela ESEF/UFPel, proprietário e administrador da Academia Movimento, em que ministra aulas de capoeira.

Formalmente, Michel é, segundo as normas do grupo que representa, Contramestre. Sendo assim, foi selecionado para este estudo de forma peculiar. Dentro do entendimento do "ser mestre" do pesquisador, e quando o próprio é indagado sobre quem é o seu mestre, a resposta é instantânea: "o meu mestre é o Michel". Desse modo, e somado o fato do Contramestre Michel ser protagonista da capoeira em Pelotas, fez-se uma quebra metodológica, propiciada pelas multifacetas acerca da formação do mestre na capoeira. Por essas razões, Michel será tratado como mestre no decorrer deste estudo.

Mestre Michel teve sua iniciação na capoeira com o professor Marcos Gularte, aluno do mestre Sandoval. Os treinamentos ocorriam numa academia chamada de Free Jazz. Sempre estava acompanhado pelo Thelvis, que, como já vimos, é outro integrante dessa trupe de protagonistas. Foram levados à capoeira por um motivo bem particular: para melhorar a performance no "skate". Segundo Michel (2009):

> [...]comecei a treinar porque a gente andava de skate e o Kennedy tinha começado a treinar e nos falou que a capoeira era muito boa para melhorar no skate, melhorando força e equilíbrio. [...] e a partir daí não parei mais.

Desse período, até o início dos anos 90, suas vivências com capoeira eram constantes e influenciadas diretamente pelo Marcos, pelos treinos e rodas na cidade com os demais capoeiristas, ou pelas viagens a Rio Grande, a fim de treinar com o mestre Sandoval. Com o desestímulo crescente do seu professor, e com a saída de cena do Sandoval, houve a necessidade de sair em busca de novos horizontes e conhecimentos.

Foi então que, incentivados pelo Cabeleira, fizeram, em 1991, uma viagem que mudou por completo as suas trajetórias na capoeira, e, consequentemente, abriu um novo caminho na capoeira pelotense. Viu-se a possibilidade de filiação a

grupos oriundos dos grandes centros do país, especificamente, no caso desse grupo, àqueles advindos de São Paulo.

A viagem foi para a II Clínica de Capoeira, realizada na USP, que, como já vimos, foi organizada pelo mestre Gladson Oliveira. Nesse evento, estavam presentes grandes mestres da capoeira: João Pequeno, Bobó, Boca Rica, Ezequiel e Canjiquinha.

Ilustração 15. Clínica de capoeira na USP, 1991. Bateria de mestres, a partir da direita: Gladson, Bobó, Canjiquinha, João Pequeno e Boca Rica. (AP Mestre Michel, 1991)

Ilustração 16. Michel, Cabeleira e Thelvis, aproveitando ao máximo a experiência de estar próximo aos grandes mestres. Entrevista com mestre Canjiquinha. (AP Mestre Michel, 1991)

Foi nesse evento que tiveram a ideia de uma possível vinculação a algum desses mestres, coisa que parecia um tanto improvável, tamanha era a veneração a

tais mestres. Entretanto, tomaram coragem e foram conversar o mestre Gladson – idealizador do evento. Nessa conversa, contaram sobre suas trajetórias em Pelotas, e sobre a realidade da capoeira na cidade. E o mestre resolveu "adota-los"[41], concedendo a permissão para que eles utilizassem o uniforme e ministrassem aulas em nome do seu grupo, na época chamado de Policenter. Para tanto, deveriam seguir as normas institucionais do grupo.

> [...} E aí depois que eu conheci o Gladson, nessa data aí, a gente estabeleceu um vínculo. No mesmo ano, ele já veio a Pelotas e a gente fez um primeiro Batizado aqui da academia; eu tinha começado a dar aula na Physical. Antes disso, a gente tinha ensinado capoeira sem muito compromisso, lá na Ceval e numa academia que tinha ali perto da Católica, na Malhando. Mas, nessa primeira vinda do Gladson, já oficializou a coisa, de começar esse grupo nosso [...] (Entrevista mestre Michel, 2009)

Dentro dessas normas, existiam algumas questões conceituais próprias, como o impedimento de participar de rodas de rua, o uso obrigatório do uniforme, o treinamento de sequências de ensino criadas pelo mestre Gladson[42], aspectos que caracterizaram um estilo próprio de capoeira.

Esse estilo cativou uma parcela mais abastada da sociedade pelotense, levando a capoeira para a casa de dezenas de famílias pequeno-burguesas da cidade, tanto que o grupo foi rotulado de capoeira de "playboy", capoeira de academia, que não aparecia muito nas ruas. Porém, quem conviveu e viveu nesse meio sabe que esse rótulo não condizia com a realidade do grupo, composto pelos mais diversos segmentos sociais, todos convivendo em plena harmonia, respeitando os pressupostos de Igualdade, Liberdade e Fraternidade, propostos pelo mestre Gladson.

A família Policenter cresceu paralelamente aos demais grupos da cidade, enfrentando os mesmos problemas e aproveitando das mesmas possibilidades. No entanto, trata-se de um grupo que pouco enfatizou a possibilidade da capoeira se

---

[41] Vale ressaltar que esse modelo de franquias não era adotado pelo mestre Gladson, que sempre se posicionou de forma contrária a tal método. No seu entendimento, com um grupo muito grande e disperso em diversos lugares, a supervisão do mestre não seria tão constante, podendo perder algo que ele considera primordial para o seu grupo, que é a constituição de laços de amizade e de fraternidade através da capoeira, para, a partir daí, poder intervir na formação integral do homem e de uma sociedade mais justa.

[42] Nota-se a influência da capoeira regional, pois mestre Gladson teve sua formação com mestre Onça, aluno do mestre Bimba. E incorporou, para sua metodologia de trabalho, os treinamentos em sequências de ensino, criados pelo mestre Bimba. O seu método, contém, além das 8 sequências do Bimba, mais 40 criadas pelo Gladson, que devem ser treinadas e avaliadas em diferentes estágios.

tornar uma fonte de subsistência, e o mestre Michel, juntamente com o Thelvis, é o responsável pelo constante incentivo em prol da formação continuada.

Ilustração 17. Grupo Policenter. Pelotas, 1995. (AP Mestre Michel, 1995)

Toda a sua formação como mestre foi delineada pelo encontro com o mestre Gladson, pelos princípios filosóficos do seu grupo, atualmente denominado de Projete Liberdade Capoeira, que, numa descrição mais ampla, percebe a capoeira projetando liberdade social. Michel contou que, após a filiação dele e de Thelvis ao grupo do Gladson, as viagens a São Paulo aumentaram significativamente, fazendo com que as experiências trocadas e vivenciadas nesse nicho da capoeira mundial se entrelaçassem na suas formações:

> [...]E aí, com o grupo firmado, a gente começou a viajar mais ainda, a gente ia umas 4 ou 5 vezes por ano para São Paulo. Naquela época, a gente só tinha colégio,[...], então dava para ficar lá uma ou duas semanas só treinando [...] (Entrevista Mestre Michel, 2009)

Além dessas experiências em São Paulo, ele viajou o Brasil à procura de novos conhecimentos, e, mais recentemente, ministrou workshops, representando o seu grupo, na cidade de Rosário, na Argentina, e em Barcelona, na Espanha.

Ilustração 18. Mestre Michel ministrando aulas de capoeira em Barcelona. (AP mestre Michel 2009)

O mestre Michel, o Michel da academia, o Michel do Artimanha, o Michel do Seu Jack[43], o Michel do surfe e do skate. São diversas atribuições delegadas a uma pessoa de trato simples e direto, sem crenças nem cultos, do preto no branco. Todas essas características foram evidenciadas e comprovadas no momento de sua entrevista, realizada no seu escritório, na sua academia. Com respostas objetivas, sem muita nostalgia na fala, o olhar no futuro e constantes realizações no presente; dessa maneira ele conduz a sua vida. Entre uma composição e uma aula de ginástica entre uma conversa franca sobre a vida e um *baso* de Patrícia *muy helada*, no embalo de netuno e no ritmo do berimbau.

> [...] E é isso. Depois as coisas só foram aumentando e aumentando, e as coisas foram acontecendo e, no meio do caminho, e é normal, mas, basicamente, foi assim que eu comecei. E lá em SP, é claro, vivenciei muita coisa, mas é isso. [...] (Entrevista mestre Michel, 2009)

[43] Artimanha e Seu Jack, nomes das suas respectivas bandas de pagode e rock pop.

Ilustração 19. Mestre Michel jogando com mestre Maurão na tradicional e temida roda da Praça da República, em São Paulo. (AP. Mestre Michel, 1994)

4.3 MESTRE MARQUINHO BRASIL

Marco Antônio Brasil Cruz de Lima, 40 anos, é nascido na cidade de Rio Branco, no Acre, local em que viveu até seus 13 anos de vida. Foi também nessa cidade que Marco Antônio começou a praticar capoeira, com o Mestre Rodolfo, do Grupo Cativeiro[44]. Uma peculiaridade desse período é que ele foi o último da família a procurar a capoeira, influenciado por seus irmãos, que já a praticavam.

Mudou-se, juntamente com toda a sua família, para Brasília, dando sequência aos treinamentos com o professor Tuca (aluno formado do mestre Chibata[45]), no Grupo Novos Baianos. Sua família, novamente, troca de endereço, fixando-se na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Marquinho, no intuito de continuar com a capoeira, encontra o grupo do mestre Pinheiro, com quem tem aulas durante aproximadamente um ano.

---

[44] Recordando, o Grupo Cativeiro surge, segundo Reis (1997), como uma proposta de redemocratização da capoeira, no início de 1980. Liderado pelo mestre Miguel, o grupo ressaltava a necessidade de valorizar a capoeira enquanto um “esporte nacional”, reafirmando sua origem negra, pondo-se numa posição mediana entre as propostas esportivas da Federação Paulista e a necessidade de preservação de uma cultura enraizada, marca do Grupo Capitães d ‘Areia.

[45] Mestre Chibata, Raimundo dos Santos Filho, natural de Salvador, teve como professor, em Salvador, um capoeirista chamado de Antônio Diabo, com passagens pelo Rio de Janeiro e, posteriormente, por Brasília.

Nessa época, o jovem Marquinho já havia sido conquistado por alguns encantamentos da capital federal, e, como ele mesmo relata, não era possível continuar em Juiz de Fora, pelo menos até completar alguns projetos em Brasília:

> [...] então, eu voltei, porque eu treinava com a camisa dos Novos Baianos. Então, é impressionante, aquilo ficou na minha cabeça, ficou pela metade a necessidade de voltar. Primeiro, para concluir os meus estudos, que eu não estava com cabeça para concluir em Minas, e para tocar, porque eu tinha deixado uma banda lá em Brasília. E a capoeira também, pô, era muita pressão, eu tinha que terminar isso tudo [...]

A partir desse retorno, a capoeira começou a se tornar parte integrante da vida desse acreano, pois ele conheceu aqueles que são, até hoje, as suas grandes referências na capoeira, os então Contramestres Carlinhos e Ernesto.

> [...] foi quando eu comecei a pegar aula com o Carlinhos, que era Contramestre, e o Ernesto, os dois melhores atletas dos novos baianos, [...], então, foi aí que a minha vida mudou, minha cabeça, tudo começou a funcionar [...] (Entrevista mestre Marquinho Brasil, 2009)

Ilustração 20. Mestre Marquinho Brasil com os Novos Baianos em Brasília. (AP Mestre Marquinho Brasil, 1990)

Nessa nova etapa de sua vida, obrigou-se a trabalhar em diversos empregos para conseguir manter-se em Brasília, e, aos poucos, foi-se firmando como professor de capoeira. O primeiro contato foi na própria academia em que ele havia iniciado no Distrito Federal; logo em seguida, passou para a academia do mestre Chibata, e, conforme relatou:

> [...] foi o deslanche, né, porque você já começa a ter aquele respeito, não só como aluno, mas também como professor, [...], e pegando a confiança desses dois mestres que eu considero muito [...] (Entrevista Mestre Marquinho Brasil, 2009)

Após esses três anos em Brasília, suficientes para se formar Técnico em Administração e para alcançar a graduação de aluno formado concedida pelo mestre Chibata, Marquinho resolveu que era chegado o momento de voltar para o âmbito familiar, retornando, então, para Juiz de Fora. Porém, estando na condição de aluno formado, foi mais tranquila a transição, inserindo-se rapidamente como professor de capoeira do grupo Novos Baianos.

Por um acaso do destino, seu pai é aprovado num concurso para assessoria jurídica da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), podendo escolher entre três localidades: Pelotas, Fortaleza ou Rio de Janeiro. A escolha por Pelotas era praticamente uma unanimidade na família, apenas Marquinho contestava a escolha:

> [...] E aí, depois de um ano em Juiz de Fora, eu vim para Pelotas, e cheguei contrariado, com o pé esquerdo. Eu tinha me formado, tava dando aula em Minas, e tal, com muito movimento, eu tava conhecendo muita gente, e aí ter que vir para cá me desestimulou um pouco, porque não tinha competitividade [...] (Entrevista Marquinho Brasil, 2009)

Chegou a Pelotas em 1991, época em que a capoeira pelotense ansiava por referências, visto que o Mestre Sandoval havia ido embora e seus alunos mais antigos tinham parado ou estavam desestimulados. Porém, havia uma turma, um pouco mais nova, totalmente disposta a continuar propagando o som dos berimbaus pela cidade, com nomes conhecidos e já citados anteriormente: Kennedy, Michel, Balaca, Luiz, etc. E essa junção, de um aluno formado vindo da capital nacional com alunos já experientes na capoeira, foi responsável por uma reconfiguração do cenário local.

O grupo dos Novos Baianos cresceu muito na cidade, e alguns desses capoeiristas que formaram a primeira turma continuaram por mais tempo no grupo; outros trilharam caminhos distintos. E foi na condução desse grupo que mestre Marquinho inseriu seu nome – juntamente com do seu irmão gêmeo, o mestre Julinho – na história da capoeira pelotense.

Ilustração 21. Mestres Marquinho e Julinho, numa tradicional roda que acontecia em frente à Catedral de Pelotas. (AP Mestre Marquinho Brasil, 1996)

Atualmente, Mestre Marquinhos reside num pedaço de paraíso localizado há apenas quinze minutos do centro da cidade, num belo sítio, de onde, envolto pela natureza, tira inspiração para as suas composições e para o convívio com sua família. Tem estado um pouco afastado da prática da capoeira por questões conceituais próprias, porém está, cada vez mais, amadurecido enquanto Mestre, entendendo a proporção e o real significado da capoeira enquanto uma filosofia de enxergar e viver a vida.

Ilustração 22. Mestre Marquinho Brasil na sua casa. (AP do autor, 2009)

Segundo sua atual visão acerca da capoeira, principalmente em Pelotas, Marquinho considera que ele esteja em *"suspensão",* no sentido de observador, devido ao seu afastamento dos compromissos gerados pela capoeira, para poder se dedicar exclusivamente à família e à música. Contudo, atua como coordenador dos trabalhos de seus alunos, atualmente no grupo Ilha de Mar Grande, e como consultor do seu antigo grupo, coordenado pelo seu irmão, o grupo Terra Brasil.

Marquinho concorda que a capoeira está num novo momento de expansão, mas não sabe ao certo como está se estruturando,

> [...] eu sei de algumas coisas que estão acontecendo, pois a capoeira é difícil de parar, mesmo não estando mais na mídia, mas parece que está crescendo, eu não sei diretamente, mas escuto falar [...] (idem.)

Sua projeção para o futuro não é de fazer seu grupo crescer novamente, mas sim de apropriar-se da capoeira como um espaço de integração e de mútuo conhecimento, sem restrições ou avaliações quanto ao estilo e à forma. Marquinho tem a capoeira com o propósito da união, da convivência e do aprendizado.

> [...] Que a gente possa ter uma capoeira não com um padrão de regras e de técnicas, mas padrão de respeito pelo próximo; não de críticas de que meu estilo é melhor ou pior, [...], é isso que eu espero da capoeira, que todo mundo possa estar junto, [...], quando que naquela época eu ia imaginar que essa conversa ia rolar, com um aluno do Michel, falando tão abertamente, coisas que eu jamais imaginei falar para outras pessoas que foram meus alunos, para mim isso é um positivo que já está acontecendo, [...] Eu espero uma relação do dia-a-dia de conversar que não precisa especificamente da capoeira para acontecer. [...] (idem)

Ilustração 23. Roda na academia Tekion. (AP Mestre Marquinho Brasil, 1992)

4.4 MESTRE MARCELO

Marcelo Moreira Soares, 35 anos, nasceu em Pelotas no dia 13 de agosto de 1974. Capoeirista desde 1986, é Mestre e proprietário do Grupo Filhos da Roda. Atualmente, mora em Balneário Camboriu, onde possui uma academia de Artes Marciais, na qual ele próprio ministra as aulas de capoeira.

Mestre Balaca – ou simplesmente o “Balaca” –, com certeza, é o mais falado capoeirista da cidade, seja pelas centenas de pessoas que passaram pelo seu grupo, seja pelo fato de outros capoeiristas de grupos distintos comentarem suas proezas. Foi o estandarte da capoeira na cidade no final dos anos 90, divulgando e expandindo seu trabalho por toda a cidade. Um capoeirista da rua, responsável pelas tradicionais rodas no calçadão da cidade e no altar da pátria da Avenida Bento Gonçalves.

Sua trajetória foi muito parecida com as dos mestres Cabeleira e Michel. Começou com o professor Adílson, o mesmo do Cabeleira, porém, em outro local, no Centro Social Urbano do Areal. Passado algum tempo, e com a saída do Adílson, ele integrou a turma dos irmãos Faísca e Fumaça, que, assim como o professor Adílson, e todos os demais professores de capoeira da época, eram alunos do Mestre Sandoval. Essa passagem com os irmãos Faísca e Fumaça ocorreu no Centro Social Urbano do Cruzeiro; logo em seguida, veio a conhecer o professor Marcos, com quem já treinavam o Michel, o Thelvis, o Kennedy e o Luiz.

Nessa época, era comum a união entre todos, como o próprio mestre Marcelo relata: "[...] e nós nos juntávamos, juntava eu o Thelvis, o Michel, o Marcos, o Cabeleira, o Luiz, que eu conhecia do areal; treinávamos muitas vezes eu e o Luiz juntos de parceiro [...]". Isso evidencia que as brigas e separações que ocorreram nos anos 90 foram diretamente ligadas às distinções dos grupos.

Seguindo seu caminho, mestre Marcelo comenta sobre um evento em Rio Grande, com o Mestre Sandoval, em que ele e outros capoeiristas da cidade foram conhecer esse mestre, marcando a criação de um elo forte entre os dois.

> [...] tempo teve um evento com o Mestre Sandoval, aonde foi eu o Thelvis e o Michel, com certeza, alguns alunos que treinavam com eles, fazer um batizado lá no Sandoval, e reatar esse relacionamento, conhecer o Sandoval, fazer parte. Eu me apresentei, ele gostou da minha pessoa, da forma que eu jogava e tal. Na época, meio que fechava com o formato dele, que era mais malabarismo, saltar e gostar de fazer uma trocação, né, mais de luta, então ele ficava feliz da vida quando eu ia lá [...] (Entrevista Mestre Balaca, 2009)

A partir de então, a capoeira seguia por esses moldes, ou seja, treinamentos em Pelotas, mas sempre mantendo o contato e a troca de informações com mestre Sandoval, em Rio Grande. Assim foi até o início dos anos 90, quando os irmãos Brasil chegaram à cidade. Nesse período, conforme mestre Marcelo (2009): "[...] nós já tínhamos uma graduação, uma história, já tínhamos todo um trabalho, a gente já estava desenvolvendo a capoeira, mas a gente não tinha alguém [...]". Ter alguém, nesse caso, remete à figura de um mestre, de um responsável por direcionar seus caminhos, visto que o Sandoval não era a pessoa mais apropriada para tal feito. Segue mestre Marcelo (2009) comentando a respeito: "[...] o Sandoval era um cara muito difícil, muito instável, tinha muitos problemas assim, ele sumia, sumia de Rio Grande [...]".

Dado à chegada da família Brasil, e a necessidade de buscar um sentido e uma direção para seu trabalho, para sua capoeira, Marcelo entra para o grupo dos Novos Baianos, integrando-o por alguns anos. Um percurso cheio de idas e vindas, influenciadas por motivos diversos, que ocasionaram, além de reaproximações com o mestre Sandoval, uma tentativa frustrada de participação no grupo do mestre Farol, presidente da Federação Gaúcha de Capoeira na época.

> [...] eu entrei no grupo do Farol, [...], infelizmente não deu, [...] acabou sendo incompatível na época, porque era tudo muito em função da federação, [...], o Farol acabava sendo contra todo o mundo [...] (Entrevista mestre Marcelo, 2009)

Após mais uma tentativa de vinculação sem êxito, ele resolve, juntamente com seus alunos, criar um grupo, estruturar um trabalho próprio, com metodologia de ensino e graduações próprias. Uma passagem marcante dessa época, para o mestre, foi a *"bola nas costas"*, a traição de alguns de seus alunos mais antigos, que incentivaram a criação de um novo grupo, mas decidiram continuar com o mestre Farol.

> [...] eu conversei com meus alunos mais velhos na época e decidimos formar um grupo, aí eles me incentivaram, mas a maioria que me incentivou acabou me dando uma bola nas costas e ficando com o Farol, e eu tive que refazer todo um grupo de novo [...] (Entrevista mestre Marcelo, 2009)

Foi então que, em 1998, deu-se a fundação do grupo Filhos da Roda, com o auxílio de alguns alunos, dentre os quais foram destacados o Naldo, o Luciano, o Pirulito, o Alexandre e o Bafo, e outros cujos nomes Marcelo não conseguiu relembrar. O marco desse grupo aconteceu um ano após sua fundação, conforme diz mestre Marcelo (2009): "[...] foi fundado em 1998, mas ele se concretizou em 99, num batizado com mais de 300 alunos. Foi batizado num dia, e formatura e troca de graduações no outro."

Ilustração 24. Batizado do grupo Filhos da Roda, em 1999. Nota-se a forte influência dos modelos criados pela Federação Paulista, com todos os alunos militarmente perfilados e fazendo a saudação instituída por essa federação ainda nos anos 70. (AP. mestre Marcelo,)

Na ilustração acima, podemos evidenciar uma característica marcante do grupo, pois, com apenas um ano de fundação, já possuía mais de uma dezena de professores (perfilados de frente para os alunos), muitos deles com poucos anos de capoeira. Porém, sob a responsabilidade do mestre Marcelo, ministravam aulas em diversos lugares da cidade, ramificando-se de tal forma que a capoeira em Pelotas ficou por algum tempo vinculada ao nome do grupo, ou do mestre “Balaca”.

Diversas eram suas estratégias de divulgação. As mais conhecidas eram as apresentações públicas em diversos lugares e eventos: praças, avenidas, festas, shows musicais, campeonatos de capoeira e folclore. Também, havia a produção constante de novos uniformes e a exigência de que sempre alguém tinha que andar com a camiseta do grupo pela rua. Outra peculiaridade era o volume de batizados, que, devido à quantidade de alunos, chegavam a três ao ano.

> [...] A capoeira, nesse período, deu um estouro, virou a galinha dos ovos de ouro, [...], então o grupo cresceu bastante ali, eu tinha 24, 25 anos, e era um peso muito grande para mim, uma responsabilidade muito grande, uma quantidade de professores jovens, que eu tinha que tentar passar alguma coisa, o pouco que eu sabia, como pessoa, como formação do indivíduo, e o crescimento da capoeira contava com aquela estrutura humana para suportar tanta coisa, porque era um peso muito grande, uma quantidade de professores, e ai tinha Pelotas, São Lourenço, Pinheiro Machado, Rio Grande, Cassino, Santa Vitória, e aí era um monte de gente. [...] (Entrevista mestre Marcelo, 2009)

Literalmente, o mestre Marcelo deu a “cara a tapas”. Aclamado por uns, criticado por outros, hoje ele inicia uma nova proposta com a Capoeira, aproximando sua prática dos conceitos evangélicos. Apresenta uma postura muito mais atenta para a possibilidade de usufruir da capoeira, não apenas como esporte ou trabalho, mas como um meio eficaz de formação humana, em prol de uma sociedade mais justa. De qualquer forma, é o responsável direto ou indireto pela formação da maioria dos professores de capoeira que ainda atuam na cidade.

Ilustração 25. Mestre Marcelo (segurando um berimbau bem no centro) e seu grupo em Balneário Camboriu – Santa Catarina. (AP. Mestre Marcelo, 2007)

5 OS SABERES DOS MESTRES

“A partir da ideia que o indivíduo não nos é dado, acho que há apenas uma consequência prática: temos que criar a nós mesmos como uma obra de arte.” (Michel Foucault)

5.1 A FORMAÇÃO

> [...] O mestre corporifica, assim, a ancestralidade e a história de seu povo, e assume, por essa razão, a função do poeta que, através do seu canto, é capaz de restituir esse passado como força instauradora que irrompe para dignificar o presente, e conduzir a ação construtiva do futuro [...] (Abib. 2002, p 13)

Quando pensamos em estudar a formação do mestre, tivemos a intenção de identificar as formas pelas quais a capoeira consegue transformar-se em algo muito maior do que apenas uma prática corporal, uma atividade física, um esporte. Isso se justifica justamente por nossa compreensão de que o mestre seria o agente responsável por esses processos, seja como orientador, professor, instrutor técnico ou perpetuador de uma cultura. Pressupomos, também, que o mestre atrai para si todas essas questões quase metafísicas que envolvem a capoeira, tornando-se, em alguns casos, praticamente uma lenda.

Essa afirmação é facilmente comprovada numa análise acerca das histórias de vida dos mestres Bimba e Pastinha, pessoas muito simples que foram eternizadas pelos seus feitos com e para a capoeira, de modo que é praticamente impossível encontrar uma roda, ou uma manifestação de capoeira, seja ela qual for, em que não sejam lembrados os seus nomes.

Para entender como se formam essas figuras, precisamos compreender o real significado da sua imagem. Fizemos isso perguntando aos depoentes qual é a real importância do mestre na capoeira como perpetuador cultural e na possibilidade da capoeira formar para a vida.

A partir de então, tornou-se evidente que o caminho estava correto, pois todos os depoentes concordaram sobre a relevância do mestre, com diferentes justificativas. Não consideraram tanto a relevância para o aprendizado inicial, pois, conforme o mestre Cabeleira (2009):

> [...] a capoeira surgiu lá nos escravos. Será que eles tiveram alguém? Algum professor? Um cara que inventou uma luta em casa e vai ensinar para vocês? Ou um processo de formação que surgiu da necessidade? [...]

Contudo, essa relevância torna-se muito mais significativa se analisarmos no tanger da formação de vida, emoldurando um estilo próprio de viver. Confirma, também, outra hipótese do trabalho, que presumia que a capoeira mesclava-se ao viver de seus adeptos e que o mestre norteava o processo. O mestre Michel foi extremamente contundente em sua fala. Segundo ele:

> [...] O mestre é o cara que consegue fazer com que seu aluno faça sempre seu melhor, que o aluno se supere, estando presente ou não. É o cara que sabe cutucar a tua ferida, até tu te ligar e se curar. [...] a capoeira está na vida de alguém, está na vida das pessoas que vivem a capoeira, mas também o mestre está presente o tempo inteiro, porque eu vivo meu dia-a-dia baseado nos princípios da capoeira, eu vivo meu dia-a-dia como se fosse uma roda de capoeira, e como meus princípios estão baseados no meu mestre, o meu mestre está sempre junto [...] (Entrevista mestre Michel, 2009)

Sobre a influência do mestre na formação de vida e na preservação de uma história, os depoentes foram incisivos, concordando com o emblemático status atribuído ao mestre, elemento sem o qual a capoeira estaria desconfigurada. Porém, uma importante ressalva foi feita pelo mestre Cabeleira, comentando sobre a atual desvalorização da palavra “mestre”, a partir dos anos 80, com a capoeira tornando-se uma possibilidade de trabalho, e com alguns exemplos de capoeiristas aventurando-se em terras estrangeiras, com um suposto sucesso. Tornar-se mestre virou, então, uma necessidade de mercado.

Toda essa mercantilização da capoeira definhou o valor do mestre em detrimento da necessidade de lucrar e “[...] Essa questão do dinheiro dentro da capoeira eu acho que afastou o valor da palavra mestre [...]” (Entrevista mestre Cabeleira, 2009). Essa afirmativa ainda foi ressaltada pelo mestre Marquinho (2009), segundo o qual:

> [...] Hoje em dia tá complicado, existem muito poucos que usam a palavra mestre, mestre, mesmo os mais antigos, com tempo de capoeira, e que você vai conversar e não levam para o lado do dinheiro, mesmo em Salvador, que não quer tirar um pouco de dinheiro do teu bolso. Isso tudo existe na capoeira, essa questão da malandragem e tal, mas o que eu penso do mestre é justamente essa questão de vida e não de sobrevivência, que tem conhecimento da escola do mundo, conhecimento não, sabedoria. [...]

Sendo esse o entendimento dos mestres atuais, presumimos a sua intenção em preservar tal tradição, mostrando indiretamente aspectos inerentes a suas formações, em que a valorização ao tempo de aprendizado e a integração da capoeira com a vida, por meio dos ensinamentos propiciados ao som dos berimbaus, são os aspectos mais relevantes a serem destacados.

Numa análise mais contemporânea, mestre Marcelo alerta para outra questão, a capoeira como uma prática extracurrículos auxiliando as famílias na criação e na educação dos seus filhos. Isso se deve à realidade atual, em que os pais passam praticamente o dia inteiro fora de casa e delegam uma parcela importante na educação de seus filhos para a escola e atividades extraclasses, o que propicia o encaixe da capoeira.

> [...] É fundamental, ainda mais hoje, que estamos precisando de referências, [...], pois, atualmente, os jovens estão procurando referências fora de casa, em virtude da desestruturação das famílias. Então, hoje, se tiver um cara que passe bons conhecimentos de vida, e de uma direção, é fundamental para a formação do ser humano, extracultura, extra-atividade física, pois o ser humano é carente hoje de referências. [...] (Entrevista mestre Marcelo, 2009)

Através dessa reflexão, podemos relacionar outra questão bastante antiga na sociedade brasileira, mas que ainda podemos tratar como atualidade: a inclusão social. Os mestres se tornam importantíssimos para que a capoeira possa continuar sendo uma das ferramentas mais eficazes nesse trabalho, devendo orientar e estimular seus alunos no intuito de protagonizar uma vida mais justa e equilibrada socialmente.

Como vimos, são incontáveis as atribuições desse símbolo da capoeiragem, “referência fundamental de sua ancestralidade”, e que, segundo Abib (2002), vem tendo sua imagem banalizada em função da proliferação demasiada. Os motivos para isso são inúmeros, contudo, o mais incisivo é a possibilidade de inserção no mercado de trabalho fora do país. Não concordamos com a referência que essa proliferação é devida quase que exclusivamente à capoeira regional. Talvez, essa realidade seja de uns anos passados, pois, mesmo na capoeira angola, o número de mestres aumentou muito significativamente na última década, e arriscamos atribuir os mesmos motivos citados anteriormente.

Conforme Bordieu, apud Paiva (2007, p. 135) ‘ ser conhecido e reconhecido também significa deter o poder de reconhecer, consagrar, dizer com sucesso, o que

merece ser conhecido e reconhecido'. Ou seja, o mestre assume também a condição de propagador, proliferador. Uma posição, um *status*, dentro das relações capoeiranas, capaz de fazer com que tenha origem uma verdadeira disputa por poder, resignificando todo o processo formativo.

5.2 O MESTRE CONTEMPORÂNEO

A capoeira, nos últimos anos, em Pelotas, basicamente está locada nas escolas e pré-escolas, pertencentes, em sua maioria, à rede privada de ensino. É uma configuração bem diferente da característica dos anos 90, quando a prática era associada a academias, sejam elas específicas de capoeira ou de ginástica, musculação e dança, que abriam espaço para a capoeira. Esse espaço ainda é preservado, mas tem sido extremamente difícil encontrar uma turma fiel em alguma dessas academias, pois, com a perda do apelo popular, poucas pessoas têm se interessado pela prática nesses ambientes, não sendo mais atrativo para o professor nem para os proprietários das academias disponibilizar muitos horários para a capoeira.

Essa realidade vem dando uma nova característica para a capoeira na cidade, seja pelo perfil dos praticantes, que, em sua maioria, são crianças com idade entre 3 e 11 anos de idade, seja pela metodologia de trabalho, de ensino, dos atuais professores, focada na utilização da capoeira como ferramenta educacional, auxiliando no desenvolvimento psicomotor destes novos alunos[46].

Dessa forma, questionamos nossos depoentes acerca dessa realidade, buscando o entendimento deles sobre o perfil do mestre no século XXI, considerando essa nova inserção mercadológica da capoeira e também todas as mudanças geradas pela pós-modernidade. Será que houve, ou será que necessita de alguma mudança na formação ou no arquétipo do mestre para dar conta dessa nova roupagem da capoeira?

Claramente, observamos uma grande preocupação por parte dos depoentes com a possibilidade de, no trato com a capoeira na escola, como proposta

[46] Todos estes dados referentes à realidade atual da capoeira em Pelotas foram coletados num trabalho proposto na disciplina de Capoeira I, da ESEF/UFPel, ministrada durante o segundo semestre de 2008, pelo pesquisador.

educativa, venha a se perder ou a se distanciar de outros elementos muito próprios da capoeira, como, por exemplo, a questão da luta, de forma a descaracterizá-la por completo. Isso, pois, segundo o mestre Cabeleira (2009),

> [...] é uma coisa complicada, para mim a escola deveria ser assim, o pontapé inicial, iniciação, e a partir daí procura o grupo [...] Em função da adaptação da capoeira mais a necessidade do mercado do que o contrário, a coisas vão se desviando [...]

Da mesma opinião, compartilha o mestre Marquinho:

> [...] eu acho que esses professores que estão no colégio devem buscar uma aproximação desses mestres antigos para aproximar da raiz, para não perder a identidade, pois a capoeira sem identidade não é nada, [...] Mas se a capoeira perder esse vínculo com a cultura, com a raiz, vão usar o nome capoeira para a prática [...] (Entrevista mestre Marquinho, 2009)

Com base nos relatos acima, entendemos que exista algum tipo de diferenciação no trabalho dentro das escolas e pré-escolas. Percebemos que deve haver uma constante preocupação por parte dos mestres e professores que trabalham com a capoeira, para não afastarem-se dos vínculos culturais da arte.

Mestre Marcelo, entretanto, admite que, nos tempos atuais, com a quantidade de informações despejadas incessantemente no nosso dia-a-dia, os professores[47] estariam suficientemente preparados para administrar tal situação. Para ele,

> [...] os professores, muitas vezes, estão mais preparados em algumas áreas do que os mestres. Hoje é a era do conhecimento, hoje tu toma um caminho errado ou certo se tu quiser, a ignorância é bem menor [...] (Entrevista mestre Marcelo, 2009)

Trata-se de uma posição interessante, pois ele não negou a importância do mestre como perpetuador e figura indissociável da capoeira, mas discute a condição de alguns professores estarem ou não mais preparados para utilizar a capoeira como proposta educacional.

Apesar da preocupação dos depoentes com a qualidade da “capoeira” ensinada nas escolas, temos total convicção de que o fator determinante não é o ambiente no qual a capoeira será inserida, mas sim o agente, seja ele mestre, professor, graduado, aluno. Partimos sempre da responsabilidade inerente ao

[47] Nesse caso, professor é todo aquele que ministra aulas de capoeira, independente da formação acadêmica ou mesmo da graduação na capoeira.

sujeito, tanto do sujeito que está ministrando as aulas, como daquele de indiretamente possibilitou que isso ocorresse.

A riqueza corpórea e cultural da capoeira é praticamente inesgotável, possibilitando sua inserção nos mais diversos lugares, desde academias de artes marciais, até mesmo em escolas e universidades, fato que não é recente, mas tem tomado proporções muito maiores na última década. A capoeira, ao ser inserida nessas instituições de ensino, entra como uma proposta de educação não-formal, da cultura popular. Conforme Abib (2002, p.23),

> [...] apontamos para a educação não-formal como a possibilidade mais viável de colocar em prática um projeto pedagógico capaz de dar voz, sentido e significado aos saberes provenientes da cultura popular [...]

O autor vai além ao apontar que a capoeira não pode ser pensada apenas como uma forma de incluir marginalizados, mas sim de conseguir rever pré-conceitos sociais, principalmente nas instituições privadas, justamente locais que mais abrem as portas para a capoeira na atualidade.

Seguindo nessa análise, emerge uma possibilidade de formação diferente, que venha a atender as necessidades dessas novas adaptações mercadológicas, e quiçá metodológicas, tanto de aprendizado, como de ensino da capoeira. Ainda que quiséssemos encontrar um ponto de convergência, provavelmente não conseguiríamos, haja vista a dimensão das possibilidades e pontos de vistas distintos. Entretanto, podemos sugerir que o mestre do futuro deverá ser uma pessoa totalmente adaptada às novas realidades; não ser apenas prática, nem apenas cultura, ou apenas pedagogo. O mestre que se espera deve conseguir achar um equilíbrio entre esses três elementos a fim de apropriar-se de todas as possibilidades informais de educação trazidas pela capoeiragem.

5.3 A CAPOEIRA: UMA FILOSOFIA DE VIDA

Quando começamos a praticar a capoeira, somos levados exclusivamente pelo atrativo do movimento, do desafio imposto ao corpo, da luta. Não poderíamos sequer supor que o tornar-se capoeira era algo que estava muito além das questões exclusivamente corpóreas. Hoje em dia, quando analisamos um pouco dos inúmeros

acontecimentos ocorridos em mais de 12 anos de prática, notamos que o ser capoeira é para poucos, e o jogar, o lutar são para qualquer pessoa que tenha disposição para treinar.

Lembramos claramente das primeiras leituras, e do encantamento gerado pelo fascinante mundo do imaginário. Dentro desse mundo "surreal", propomos um pequeno devaneio, no qual pensaremos nas orientações sugeridas pelos mestres antigos, como nestes exemplos: *nunca andar por perto das paredes; nunca quebrar uma esquina sem se afastar alguns metros das calçadas; dormir com um olho fechado e outro aberto; usar um lenço de seda no pescoço para a navalha deslizar; sorrir para o inimigo; se levantar antes mesmo de cair; saber que galinha de um olho só procura o seu poleiro cedo.*

A partir de então, imaginemos o arquétipo desse capoeirista nos dias de hoje, como seria esse "malandro", precisaria ele de *"terno de linho diagonal"* como o que o mestre Waldemar usava nas domingueiras[48], argola de ouro na orelha, uma bengala que esconda uma arma dentro do seu cabo? Não, com certeza, não.

Entretanto, a capoeira continua sendo um modo peculiar de encarar as empreitadas mundanas, com um toque de improviso e gingado. Saber conviver e ter a certeza do que não se quer para a vida, aliados, a vontade de fazer acontecer sem o engessamento social no qual estamos inevitavelmente envolvidos.

Talvez, o leitor deva estar se perguntando, ou mesmo duvidando de tal afirmativa. Por isso, ressaltamos que nós, capoeiristas, também erramos, sofremos, nos desiludimos, fazemos sofrer, causamos desilusões. Somos cheios de gratidão, mas, em certos momentos, podemos ser bastante ingratos. Uns mais justos e honestos e outros nem tanto. Isso porque, mesmo a ladainha dizendo que *"já estamos enjoados de viver aqui na terra"*, nós somos seres desta terra, demasiadamente humanos, com uma vontade de potência e um desejo de ir além, tão comuns à maioria dos mortais.

E a maior peculiaridade da capoeira, o grande segredo que instintivamente é absorvido pelos verdadeiros capoeiristas, nós chamamos de "simplicidade", a simplicidade de saber viver, pois a capoeira é fruto de gente simples, nascida para mudar concepções – tanto de reprimidos como de repressores –, sem a necessidade do exílio em montanhas ou do estudo milimétrico das capacidades e

---

[48] A domingueira era uma tradicional roda de capoeira, que, como o nome sugere, acontecia aos domingos, em Salvador.

possibilidades do corpo humano[49]. Basta observar a natureza, e conhecer os atalhos para liberdade do pensar e do agir, num ato tão simples como a vida dos seus percussores, extremamente simples, da lavoura de cana-de-açúcar e de café, dos botecos, das regiões portuárias, da lapa, do mercado e das universidades. Do verdureiro, do sapateiro, do estivador, do trapicheiro e do doutor.

Essa filosofia de vida está fortemente ligada aos ensinamentos perpetuados pelos mestres. Para entendermos um pouco melhor como isso se aplica no cotidiano, extraímos, dos depoimentos coletados, alguns trechos dos quais poderemos, como já sugerimos anteriormente, adaptar as "malandragens" de outros tempos para o dia-a-dia pós-moderno.

Segundo o mestre Michel (2009),

> [...] Eu vivo numa roda de capoeira, procuro estar sempre me divertindo, fazendo as coisas legais, sabendo que tem maldade. Então, tu tem que estar preparado para tudo, sabendo que para tudo que a gente vai fazer nessa vida precisamos de amigos, precisa de gente para fazer junto contigo. Sabendo também que tudo que a gente vai fazer nessa vida a gente precisa de humildade, precisa saber respeitar as pessoas, exatamente como numa roda de capoeira. Onde tu tem que entrar sabendo que tem gente que está começando que tu vai ter ir no ritmo dele, que vai ter um cara que está mais avançado e tu vai poder avançar um pouco mais, mas sempre respeitando a individualidade de cada um. Na capoeira, tu entrou, colocou calça branca, a camiseta branca, tá todo mundo igual, não tem rico, não tem pobre, não tem preto nem branco, é todo mundo capoeirista e todo mundo vai fazer a mesma coisa, dentro da capacidade de cada um, independente de que classe que o cara pertence. E eu, na minha vida, trato as pessoas assim: se tu vem falar comigo, não me interessa se tu é pobre ou se tu é rico, vou falar contigo do mesmo jeito e com o mesmo respeito, e isso graças, é claro, à capoeira.
>
> Não tem como eu reclamar que existe falcatrua no Brasil, que os políticos são ladrões, se eu chegar na minha roda de capoeira e te der prioridade se tu tiver mais dinheiro que o outro. E aí, na roda de capoeira, as coisas acontecem, porque o cara, com essa desigualdade social que rola hoje, tu vai ver duas pessoas iguais, legais,, mas uma anda de Mitshubishi e outra anda de fusca, porque eu não sei, ganhou, herdou, comprou, sei lá. Mas, na capoeira, fica tudo do outro lado, não tem dinheiro que compre o jogo da capoeira. Ou o cara treina e aprende com o suor do seu esforço, ou o cara vai ser nada na capoeira, e isso, no esporte em geral, é assim, e isso eu tenho bem claro. Tudo que se pode comprar com o dinheiro eu não dou muito valor. Agora o cara conquista com seu suor, isso merece ser valorizado. E a capoeira é isso, ninguém aprende a jogar sem treinar, e a vida é isso, né?! [...]

No trecho acima, fica evidente como que projetamos a vida dentro de uma roda de capoeira, sem que, para isso, precise de roupa específica ou de um

[49] Referência à origem das artes marciais, quando monges budistas isolavam-se nas montanhas indianas a fim de estabelecer um processo tal de autoconhecimento que os possibilitassem fazer do corpo uma ferramenta de guerra.

caminhar específico. Necessita-se de muito conhecimento, de muita prática, de muito viver, coisas que, muitas vezes, até fazemos, mas sem a mínima ideia de como chegamos a agir assim.

Obviamente que o entendimento dessa filosofia de vida não acontece rapidamente. Mestre Marquinho, quando interrogado sobre a sua interação com a capoeira, comentou que

> [...] a capoeira, depois que você descobre que vai sempre fazer parte da vida da gente, a gente não consegue parar; para, mas ela está ali viva dentro de você. [...] é parte realmente do sentimento, da sua vida. [...] (Entrevista mestre Marquinho, 2009)

Segue sua fala numa importante ligação com a sua família, num primeiro instante, quando comenta que, ao ver o seu filho fazendo algo correto, como, por exemplo, não jogar lixo no chão, ele o parabeniza e tece o seguinte comentário: *"É isso aí. Esse sim é capoeira"*. Associa, assim, a capoeira a questões sociais, culturais e ambientais. Essa reflexão é completada com a seguinte afirmação: *"[...] eu quero toca para os meus netos e vou estar jogando capoeira, eu não preciso ficar dando pernada para jogar capoeira [...]"* (Entrevista mestre Marquinho, 2009)

Com base nessas afirmações, podemos concluir que não existe uma dissociação entre o capoeirista e o pai, o amigo, o empregado, o médico e o empresário, pois a capoeira se mescla à vida, o que lhe confere maior do que um esporte ou um jogo. A capoeira é, comprovadamente, uma filosofia de vida, ou, dito de outro modo, "é aprender a ser amigo do açougueiro e do padeiro para levar a melhor carne e só comer pão quente".

5.4 MENINO, QUEM É TEU MESTRE?

5.4.1 Mestre Cabeleira (2009)

> [...] Mestre meu é todo mundo que me ajudou um pouco, é o Berimbau, são os meus amigos, minha família, todo mundo, porque eu tive aula 2, 3 meses do ano e fiquei sozinho, com os meus amigos e olhando. Aprendi lendo livros, não me interessa se o pessoal acha certo ou errado, aprendi vendo foto, aprendi ouvindo os discos, aprendi vendo vídeos, aprendi viajando e tô ai, entendeu, quem quiser rebater alguma coisa rebata ou vai jogar comigo [...]

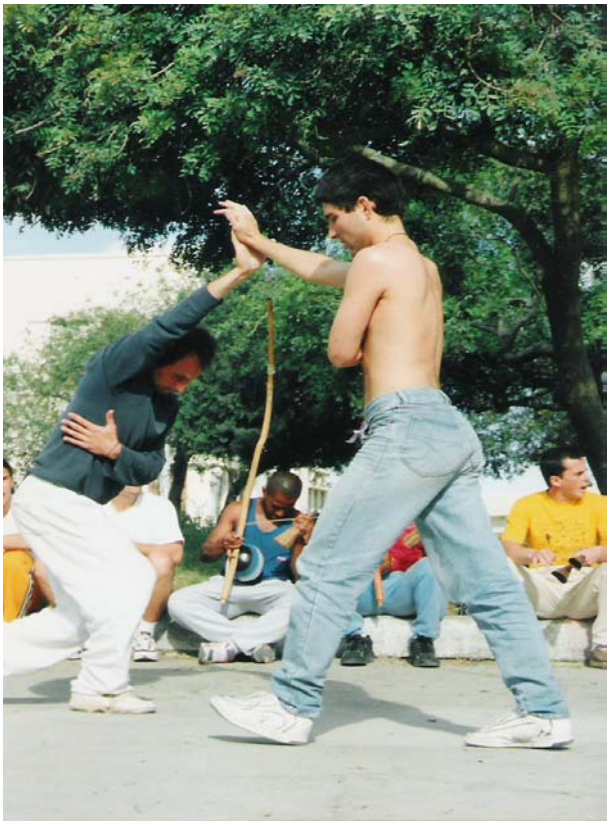

Ilustração 26. Mestre Cabeleira e alguns de seus "mestres" (AP. Mestre Cabeleira, 1999)

5.4.2 Mestre Michel (2009)

> [...] o Gladson, eu não o chamo de mestre, que nem nos grupos acontece do pessoal chamar, o mestre, a mestre. É o Gladson para mim [...] de repente eu falo: 'ah, o mestre Gladson'. Mas o Gladson, para mim, está bem acima do estágio de mestre, ele conquistou isso aí, tem muita gente que segue aquilo que ele nos ensinou [...]

Ilustração 27. Mestre Michel e Mestre Gladson (AP. Mestre Michel, 2009)

5.43 Mestre Marquinho (2009)

> [...] Meu mestre é o eterno mestre Chibata, Raimundo dos Santos Filho, o mestre Chibata, porque, como eu te disse, pai é um só. Ele morreu, mas vai ser sempre o meu pai. Eu poderia treinar em todo o lugar desse mundo, mas quem realmente me pegou como pai, me pegou numa fase de consciência. Vai ter foto aí do Julinho de 80, 81, mas nessa idade não dava para sentir muito a presença do mestre. Agora, com o Chibata não, ele nos abraçou, e tem todo o nosso respeito e a nossa consideração, e para mim é isso. Eu vou em encontros e tal, e não venho fazendo nada de diferente do que ele nos ensinou [...]

Ilustração 28. Mestre Marquinho e Mestre Chibata em Cuba (AP. Mestre Marquinho, 1990)

5.4.4 Mestre Marcelo (2009)

> [...] Fora o Senhor Jesus, o cara é o Sandoval, e a gente não tem que tirar essa honra dele, com todas as limitações dele, mas, se não fosse ele, nós não estaríamos aqui conversando. E, então, eu acho que todo mundo tem que dar esse mérito para o Sandoval, porque foi a partir dele que descobrimos a capoeira; ninguém descobriria se não fosse por ele. A capoeira foi implantada, aqui nessa região para baixo de Porto Alegre, por ele, então temos que dar esse mérito para ele. Por que quem é perfeito? Vou escolher o cara pela prática e pela história dele, outros vão escolher outra pessoa, por quê? Pelo conhecimento, pela pessoa. Porque, como atleta, não tinha, no estado, não tinha, o cara era o melhor, eu ainda tenho vontade de achar ele e trazer ele aqui para os meus alunos conhecerem [...]

Ilustração 29. Mestre Marcelo, em pé, o primeiro do lado esquerdo. Mestre Sandoval em pé, o quinto da esquerda para a direita. (AP. mestre Michel, 1990)

6 UM CONTO SOBRE A CAPOEIRA EM PELOTAS

Não é objetivo deste trabalho o resgate histórico da capoeira em Pelotas. No entanto, fez-se necessária uma pequena investigação para que possamos identificar datas e pessoas importantes e influentes nos desdobramentos seguintes.

Numa das inúmeras conversas sobre a capoeira pelotense, descobrimos a existência de uma fotografia que remete à prática da capoeira em 1927, no bairro fragata, em Pelotas. Essa ilustração, segundo consta, foi levada às mãos de um especialista, que confirmou a data e a localização. A constatação de que se trata de capoeira foi feita pelos capoeiristas atuais, através da comparação das fotos com alguns movimentos característicos da prática.

Ilustração 30. Indicativos da prática da capoeira em Pelotas, em 1927.
Fonte: AP Mestre Cabeleira

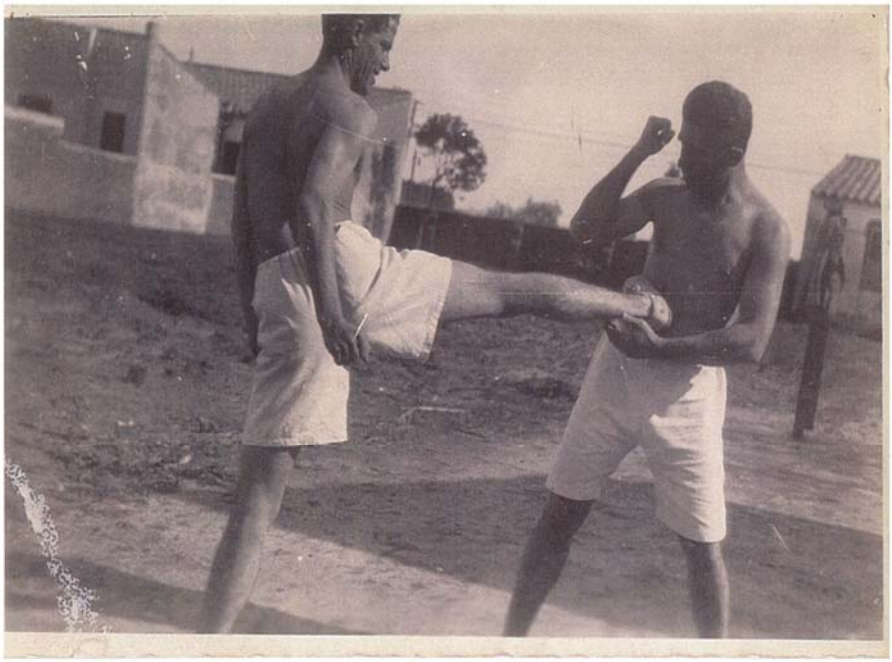

Ilustração 31. Indicativos da prática da capoeira em Pelotas, em 1927. Fonte: AP Mestre Cabeleira

Essas imagens são as referências de uma possível prática da capoeira na cidade num período que antecede o recorte empírico feito nesta pesquisa. A partir de então, todos os acontecimentos que dizem respeito à capoeira na cidade podem ser contados pelos mestres entrevistados, como agentes da história.

O final dos anos 70 marca o começo da cena capoeirística em Pelotas: primeiro, com a vinda de um mestre da capital do estado objetivando dar aulas e começar um trabalho; posteriormente, num movimento sem intenções financeiras, em que a capoeira entrava como prática de lazer, atividade característica de finais de semana. Esse período foi comentado pelo mestre Cabeleira (2009) da seguinte forma:

> [...] no final dos anos 70, veio um professor, um Mestre de Porto Alegre. O Cerqueira veio dar aula ai, né, mas eu acho que não deu certo, foram uns dois meses e não deu certo. Aí, na época do Clube Brilhante, 1979 e 1980, tinha uma cena de capoeira, onde inclusive o Bolinha fazia parte, porque tinham uns alunos de fora[50]. Os alunos mais famosos que eu sei que eram o Capixaba, como o próprio nome diz, veio do Espírito Santo e o Capoeira que era um camarada do Paraná [...]

[50] Essa referência a "alunos de fora" trata-se de alunos universitários que vinham do outras localidades estudar em Pelotas.

Ilustração 32. Uma rara imagem do mestre Cerqueira, o primeiro mestre a dar aulas de capoeira em Pelotas. De pé, a partir da direita: mestre Cerqueira, mestre Marquinho, mestre Farol, mestre Julinho, e o Contramestre Dhunga. (AP mestre Marquinho, 1998)

Até o início da década de 1980, esse era o retrato da capoeira Pelotense, até que, entre 1981 e 1982, aparece, na cidade, um capoeirista, um mestre, que mudaria de vez esse cenário. A chegada do Mestre Sandoval marcou o que podemos chamar de enraizamento da arte capoeira na comunidade pelotense. Sandoval foi um baiano que chegou ao sul do estado para tentar a sorte com o ensino da capoeira, numa década caracterizada pela expansão nacional dos grupos de capoeira (Vieira e Assunção, 2008 – p. 11), protagonizada pelo crescimento dos grandes grupos de São Paulo e Rio de Janeiro e pelos inúmeros casos de mestres do nordeste do país vindos para a região sul em busca de melhores oportunidades de subsistência.

O mestre Sandoval residia na cidade de Rio Grande, e mantinha um trabalho paralelo em Pelotas. Com a sua chegada, aqueles pouquíssimos capoeiristas existentes na cidade foram treinar com ele, mas nem todos deram continuidade. O fato é que formaram a primeira turma do mestre.

> [...] Lá por 81, 82, eu não tenho a data certa, o Sandoval veio pra cá, que era um outro baiano, um Mestre de capoeira, ele veio da Bahia pra cá e começou a dar aula em Pelotas e Rio Grande, e, aí, se formou a cena da capoeira. Aí, o pessoal que eram do Brilhante nessa época aí foram tudo frequentar a academia do Sandoval. Então têm capoeiristas antigos aí,

> como o próprio Cerqueira, o próprio Bolinha[51], o Marcos, o Adílson, que foi meu professor, né, o Capixaba e o Capoeira [...] (Mestre Cabeleira. 2009)

Ilustração 33. Mestre Sandoval, 1987. (AP. mestre Michel, 1987)

Alguns anos depois, o mestre Sandoval deixa a cidade e, com isso, alguns de seus alunos resolvem continuar com a capoeira, montando turmas diversas pela cidade. Como exemplos, têm-se os irmãos conhecidos como Faísca e Fumaça, o Dino, Felipe, Marcos e o Adílson, e foi com esses então professores que os nossos mestres começaram a capoeiragem.

Mestre Sandoval foi um capítulo à parte da capoeira pelotense. Inúmeros são os casos contados por seus contemporâneos, seja pela sua imensurável habilidade e controle corporal – que lhe permitiam fazer todo e qualquer movimento, com uma plasticidade muito peculiar – ou pela sua conduta muitas vezes violenta. Tal conduta se dava, normalmente, por duas razões: para agregar alunos, evidenciando a eficácia da capoeira enquanto luta; ou como proposta pedagógica nas suas academias. Mestre Marquinho Brasil (2009) ressalta essa peculiaridade da seguinte forma: "[...] o Sandoval era meio maluco da cabeça, [...], ele tinha feito o nome dele aqui na base da porrada, ele fez a fama batendo nos alunos [...]".

Quase uma unanimidade entre seus alunos, Sandoval era notoriamente fruto de uma capoeira associada à Capoeira Regional, pela modelagem do seu jogo –

[51] Professor Doutor Luiz Fernando Veronez, integrante do quadro docente da ESEF/ UFPel, e o mais antigo capoeirista ainda em atividade na cidade. Ministra as aulas curriculares de capoeira dentro da própria instituição. Co-orientador deste trabalho.

alto, com muitas acrobacias –, e também pela sua concepção de trabalho com a capoeira, visto que procurou estruturar um grupo, exigindo uso de uniforme e instituindo na cidade a cerimônia do Batizado[52], características evidentes de uma capoeira moderna. Segundo Vieira (1998), essas características eram estabelecidas por um conjunto de princípios metodicamente organizados e relacionados à prática da capoeira, englobando, ainda, determinados rituais que evidenciariam passagens de níveis hierárquicos.

Essa unanimidade do Mestre Sandoval sobre o quesito destreza no jogo de capoeira é atestada por quase todos os depoentes. Mestre Marcelo (2009) diz o seguinte: "[...] como atleta não tinha, no estado não tinha, o cara era o melhor [...]". A única exceção ficou por conta do Mestre Marquinho Brasil, que, vindo de Brasília e com referências de uma outra escola de capoeira, faz a seguinte ressalva sobre o Mestre Sandoval: "[...] chega aqui e vê o Sandoval, um bichinho magrinho, jogando capoeira legal de técnica e tal, mas nada muito especial".

Independentemente da sua aceitação, ou da sua conduta, que consideramos desnecessário julgar, tem-se como evidência a valiosa contribuição de Sandoval para a disseminação da capoeira na cidade. Isso porque, com exceção do Mestre Marquinho Brasil, todos os outros sujeitos desta pesquisa foram seus alunos em algum momento, ou então treinaram e receberam as primeiras orientações com discípulos de Sandoval.

Com a saída de cena do Mestre Sandoval, a capoeira pelotense passa por um período de incerteza, sobrevivendo graças ao empenho de alguns remanescentes em manter a atividade, mesmo que sem mestre.

> [...] em 90, na AABB, a gente levou o Marcos pra dar aula lá, que era um dos alunos antigos do Sandoval, [...] e ele não conseguiu levar aquele ano todo à frente. Então, em 90, a capoeira meio que acabou [...] (Mestre Cabeleira. 2009)

E foi a partir de então que a história começa a ser escrita, literalmente, pelos pratas da casa, ou seja, pelos capoeiristas da cidade que, aos poucos, foram estruturando trabalhos distintos, de acordo com suas concepções particulares, que foram evidenciadas no decorrer deste trabalho, mantendo o som do berimbau ecoando até os dias de hoje. Nesses vinte anos, muitos praticantes passaram pela

[52] Evento em que o capoeirista iniciante recebe a primeira graduação na capoeira.

capoeira, mas, como referências fidedignas, citados por todos os depoentes, encontramos, além deles mesmos, outros que ficaram de fora do trabalho pelos critérios metodológicos de exclusão, mas que constituem um grupo seleto de capoeiristas que, juntamente com os mestres depoentes, foram protagonistas da capoeira em Pelotas. São eles: o Contramestre Kennedy, que, por muitos anos, possuiu um trabalho, um grupo forte na cidade, mas, atualmente, está afastado da capoeira por questões pessoais; o Contramestre Thelvis, sempre junto ao Contramestre Michel, popularmente conhecido como Mágico Thelvis, sendo essa sua profissão há muitos anos, ainda em atividade com a capoeira; e Luiz, uma das maiores figuras da capoeira pelotense, dito por alguns como o mais antigo dessa turma, que encontrou, junto ao Mestre Cabeleira e nos fundamentos da capoeira angola, a sua identidade. São de Luiz as fotografias da capoeira em 1927, que, curiosamente, foram encontradas no lixo, quando ele trabalhava de lixeiro. Atualmente, trabalha como pintor e colecionador, e está afastado da capoeira.

As nuances ocorridas a partir de 1990 podem ser evidenciadas ao analisarmos as biografias dos depoentes. Ressaltam-se, entretanto, alguns pontos marcantes: primeiramente, a chegada da família Brasil na cidade; em seguida, a proliferação dos grupos, que, como consequência, otimizou uma época recheada de confusões e rixas, mas, em contraponto, culminou no ápice da capoeira na questão de alcance popular, tornando-a uma verdadeira febre que tomou conta da cidade.

Ilustração 34. Apresentação na praia do Laranjal, em Pelotas. Exemplo do forte apelo popular que possuía a capoeira na cidade. Uma apresentação pública admirada por centenas de pessoas. (AP Mestre Marquinho Brasil, 1990)

Ilustração 35. Batizado do Grupo Policenter em 1996. (AP Mestre Michel, 1996)

Nesses moldes, a capoeira chegou até o começo dos anos 2000, momento em que começa a conhecer o outro lado, pois, assumindo uma curva de popularidade descendente, a capoeira praticamente se extingue das ruas da cidade, podendo ser encontrada apenas em algumas poucas academias, e nas escolas e pré-escolas da cidade[53]. Além disso, apenas alguns eventos esporádicos.

Peculiaridades desse período são os novos nomes de professores, que tentam manter acesa a "chama" da capoeira na cidade, agora, de uma "capoeira infame", sem o prestígio de anos atrás, porém com um comprometimento educacional muito maior. Essa nova leva de professores de capoeira é oriunda dos nossos depoentes, pois todos foram alunos de algum deles.

Como característica relevante desse período, ainda vigente, é a aproximação desses grupos, que foram tão rivais nos anos 90. Motivados por um projeto idealizado pelo autor desta Dissertação, em parceria com o Ponto de Cultura do governo federal, "Chibarro", houve uma grande aproximação entre esses novos professores, com o entendimento de que, para a capoeira conseguir mais espaço, os espaços que lhe são de direito, ou, ainda, para que tais professores tivessem motivação para continuar seus trabalhos, era necessária a união de forças, constituindo, sempre que possível, trabalhos em conjunto.

[53] Nesses locais, a capoeira assumiu um posto num "lócus" educacional, como jamais ocorrera, tornando-se essa a única alternativa de renda para os professores remanescentes na cidade.

Dessa forma, a capoeira pelotense vem, desde 2006, crescendo a cada ano, num aparente ritmo de retomada, evidenciado pelo gradativo aumento no número de praticantes e pela volta à prática de antigos capoeiristas. O marco desse novo período é uma roda organizada pelo Professor Luciano dos Santos, o "Sanguessuga", em todo o primeiro sábado do mês, na Praça Coronel Pedro Osório. Essa roda é responsável por trazer novamente a capoeira para a rua e por proporcionar mais um momento de deleite cultural para a população local, que tem aproveitado de tardes ensolaradas para admirar a capoeiragem.

Ilustração 36. Alguns dos atuais professores de capoeira da cidade. A partir do lado direito: Samuel, André, Naldo, Sanguessuga, Roni e Sombra. (AP do autor, 2009)

Ilustração 37. Roda na Praça Coronel Pedro Osório, que vem, aos poucos, se tornando tradição e já é uma referência da capoeira na cidade. (AP do Autor, 2009)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Capoeira: uma ação para a cidadania

A prática da capoeira tem alcance não esperado quando da sua origem. É praticada em centenas de países por milhares de pessoas sem limites etários, por norte-americanos, israelenses, argentinos, italianos, taitianos, chineses, coreanos, franceses e toda uma infinidade de pessoas e culturas que encontraram, na arte da capoeiragem, um elo, uma conexão. Essa afirmativa não apresenta inovação, pois sabemos que já passaram aproximadamente 30 anos desde o início do aumento na quantidade de mestres e professores de capoeira, que saíram do país em busca de melhores condições de vida, e, por consequência, disseminaram a prática pelo mundo.

Também não é novidade que a capoeira tornou-se um campo riquíssimo para as mais variadas pesquisas acadêmicas, iniciadas ainda na década de 60 e com ápice nos anos 2000. A capoeira fomenta o academicismo nas mais diversas áreas do conhecimento: Ciências Sociais, Educação física, Antropologia, História, Educação, Psicologia, Direito, Administração, Música, Letras, Sociologia e Teatro[54]. Isso reverencia a sua multidisciplinaridade, ou, conforme Falcão (2008), firma a prática como um *"campo de saber multirreferencial",* capaz de alavancar – de maneira nunca vista no Brasil –, o incentivo a cultura e a educação.

Todos esses dados nos permitem dizer que a capoeira vem, ao longo da última década, firmando-se como uma proposta educativa – não-formal – que extrapola os limites territoriais brasileiros. A capoeira é, certamente, uma ação diplomática global, na qual a língua portuguesa é cantada e a cultura brasileira difundida nos mais inusitados lugares, não apenas como luta, dança jogo, mas como uma junção desses elementos que, entrelaçados com a sua história, fazem dessa prática uma fonte inesgotável de produção de cidadania.

---

[54] Como referência, indicamos o estudo de Gaspar e colaboradores, apresentado e publicado nos anais do IV Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte (2008), no qual foi analisada a produção científica sobre a capoeira em nível de mestrado e doutorado - a partir de 1980 até 2006. Foram catalogadas 84 produções científicas, sendo 12 teses de doutorado, 2 de livre docência e 70 dissertações de mestrado. Durante a constante coleta de dados referente ao presente estudo, ainda encontramos nos anos de 2007 e 2008, respectivamente: 15 dissertações de mestrado e 3 teses de doutorado (2007), e 9 dissertações de mestrado e 2 teses de doutorado (2008).

E esse reconhecimento, que, por muitos anos, foi dado apenas pelos seus praticantes ou apreciadores, vem ganhando espaço em âmbito governamental, por meio de medidas difundidas pelo Ministério da Cultura, tais como o tombamento da capoeira como um Patrimônio Cultural e Imaterial Brasileiro e o reconhecimento de dois elementos indissociáveis da capoeira, a manifestação conhecida como "roda" e a figura do "mestre" como detentor e propagador dos conhecimentos capoeiranos[55]. Na tentativa de melhor entender e também de fortalecer esse mundo avesso da capoeira, é imprescindível reconhecer os "saberes dos mestres", que, no nosso entendimento, são a referência máxima desses saberes informais, que constituem a riqueza da capoeira, em todas as suas multifacetas, em todo o seu transversalismo.

Foi reconhecendo e conhecendo os saberes e as histórias dos mestres de Pelotas que conseguimos entender as representatividades desta "filosofia de vida", que se apresenta de forma peculiar a cada indivíduo e, paradoxalmente, é propiciada por um meio comum, a capoeira. São sujeitos de sua própria história, protagonistas num mundo carente de referências autênticas.

De uma prática de lazer, caracteristicamente de rua, a capoeira institucionaliza-se, transforma-se numa ação pedagógica e torna-se presente – tanto extra como curricularmente – no meio educacional em todo o Brasil[56], possibilitando novas alternativas de renda e, até mesmo, de subsistência por meio do ensino da capoeira.

Em cada nova representatividade capoeirana, o perfil do "mestre/professor" de capoeira incondicionalmente também muda. Do dono de roda ao mestre da academia, do lutador ao professor, adaptações e mudanças que interferem não só na denominação, mas também na sua forma de agir e pensar a capoeira são inevitáveis. Essas adaptações, inerentes a uma prática cultural extremamente hibrida e suscetível às nuances temporais, vem sutilmente moldando e remoldando a formação do mestre no decorrer dos anos.

---

[55] Documentos anexos a esta dissertação.

[56] Esse fato é tratado com propriedade por Paiva (2009), entretanto, não concordamos com a relação atribuída à capoeira – presente nessas instituições – de estar exclusivamente ligada ao esporte e ao rendimento. Da mesma maneira, é pouco prudente generalizar tal quadro. Temos o exemplo de Pelotas, em que todos os professores que ministram aulas de capoeira nas escolas e pré-escolas (privadas) possuem em torno de 10 anos de prática com a capoeira. Nesse mesmo grupo, apenas um é professor de Educação Física. E, num relato mais pessoal, afirmamos que, mesmo não sendo representantes da capoeira angola, nem tampouco tendo todo o conhecimento dos antigos mestres, tratamos a capoeira em ambiente escolar na sua globalidade, da cultura à psicomotricidade, da luta à dança, não nos detendo apenas ao caráter esportivo da prática.

Entendemos que, na contemporaneidade, todo aquele capoeirista que aspira ser mestre deve potencializar a sua condição de “ser professor”, independente da sua formação acadêmica. Deve, então, entender que a capoeira está para além do nosso tempo, e que, se temos o intuito de continuar a propagá-la, devemos saber que temos a possibilidade de não só propagar a capoeira, mas também, e concomitantemente, de intervir no mundo em que vivemos, pois *as armas e as guerras mudaram, mas as clemências continuam as mesmas*. Clemências por justiça social, por igualdade, e, principalmente, por liberdade.

Os antigos mestres serão eternizados pelos seus feitos e por serem o elo mais próximo com as “origens” da capoeira, por serem os primeiros protagonistas dessa nossa história. Contudo, torcemos para que as ações de reconhecimento a tais figuras impliquem efeitos reais, de forma a melhorar a qualidade de vida daqueles que ainda podem desfrutar da companhia em *“solo terreno”.* Contrariamente, tem-se a história de vida de tantos outros que morreram indignamente, após terem dedicado uma vida – as suas vidas – à capoeira. Lembremos, como exemplo disso, os Mestres Bimba e Pastinha.

E esse foi provavelmente o intuito principal deste trabalho: tentar, de alguma forma, retribuir àqueles que tanto fizeram pela capoeira em Pelotas, registrando seus nomes e dignificando anos de dedicação pela capoeiragem, na esperança de que a nova geração siga o exemplo desses *“jovens”* mestres, e consigam ir além, com o entendimento de que a riqueza da capoeira está justamente na sua diversidade. Diversidade mundana e humana, pretos, brancos, amarelos e coloridos. Angola, regional, contemporânea, globalizada. Capoeira!

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Os Velhos Capoeiras Ensinam Pegando Na Mão**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006

_____; **Roda de capoeira Angola e a força do canto dos poetas**. SOCIEDADE E CULTURA, V. 5, N. 1, P. 81-90 JAN./JUN. 2002.

ADORNO, Camille. **A arte da capoeira**. 6ª ed. Goiania/GO: Kelps, 1987.

ALMEIDA, Marcelo N., BARTHOLO, Thiago L., SOARES, Antonio j. **Uma roda de rua: notas etnográficas da roda de capoeira de Caxias.** Rev. Port. Cien. Desp., Vol. 7 (2004?) p.124-133.

ARAÚJO, P. C. **A falta de rigor cientifico nos estudos sobre capoeira.** Disponível em http://www.geocities.com/colosseum/field/3170/index.html. Acesso em 18/12/2004 às 15:00 h.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória:** Ensaios da Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CABRAL, M. S. A. **Corpo de Mandinga**. Manati, 2002. v. 1. 105 p.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira:** Os Fundamentos da Malicia. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____; **Capoeira O Pequeno Manual do Jogador**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

COUTINHO, Daniel. **O ABC da capoeira angola:** Os manuscritos de Mestre Noronha / Daniel Noronha. Brasília: DEFER. Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira (CIDOCA/DF), 1993.

DECANIO FILHO, Ângelo Augusto. **Transe Capoeirano:** Um estudo sobre a estrutura do ser humano e modificações de estado de consciência durante a prática da capoeira. CEPAC- Coleção São Salomão 5, Salvador/Bahia, 2002.

_____; **Evolução Histórica da Capoeira**. (Mimeo).

_____; **A herança de Pastinha**. 2ª ed. CEPAC- Coleção São Salomão 5, Salvador/Bahia, 1997.

_____; **A herança de Mestre Bimba**. 2ª ed. CEPAC- Coleção São Salomão 5, Salvador/Bahia, 1997.

_____; **As afirmações contraditórias dos alunos de Bimba**. (Mimeo)

_____; **Falando em capoeira**. (Mimeo)

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **Fluxos e refluxos da capoeira:** Brasil e Portugal gingando na roda. Análise Social, vol. XL (174), 2005, 111-133

_____; **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. José Luiz Cirqueira Falcão. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2004. 2004. 393 f.

_____; **O jogo da capoeira em jogo**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 27, n. 2, p. 59-74, jan. 2006

FONSECA, Vivian. **A capoeira contemporânea:** antigas questões, novos desafios. Recorde: Revista de História do Esporte, volume 1, número 1, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Thomas Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 4. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JOSSO, Marie-Cristine. **Experiências de Vida e Formação**, SP, ED Cortez; 2004.

LOVISOLO, Hugo. **A memória e a Formação dos Homens**, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 16-28.

MACEDO, Márcio. **De corpo e alma na memória afro-brasileira**. Silva, Vagner Gonçalves da (org.), Artes do corpo, São Paulo, Selo Negro Edições, 2004, 252 pp.

MOURA, Jair. Mestre Bimba: **A Crônica da Capoeiragem**. Salvador: Manati, 1993.

PAIVA, Ilnete Porpino de. **A capoeira e os mestres** / Ilnete Porpino de Paiva. – Natal, RN, 2007. 166f.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

NASCIMENTO, Juarez Vieira**. Formação do profissional de educação física e as novas diretrizes:** Reflexões sobre a reestruturação curricular. Formação Profissional em Educação Física, Estudos e Pesquisas; Samuel Neto; Org. Dajman Hunjer – Rio Claro: 2006.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental:** Transformações comtemporâneas do desejo / Suely Rolnik. – Porto Alegre: Sulina; editora da UFRGS, 2007.

REIS, Letícia Vidor de Souza. **O mundo de pernas para o ar:** a capoeira no Brasil / Letícia Vidor de Souza Reis. – São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira. **O Lugar Mítico Da Memória.** Morpheus -Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 01, número 01, 2002 - ISSN 1676-2924

SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira**. São Paulo: Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo, 1991.

SILVA, Washington Bueno. **Canjiquinha alegria da Capoeira**. Salvador: A Rasteira, 1989.

STALYBRASS, Peter. **O casaco de Marx:** roupas, memória, dor / Peter Stalybrass; tradução de Tomaz Tadeu da Silva.-2.ed.,1ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola Ensaio Sócio Etnográfico**. Salvador: Copyright. 1968.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira /** Luiz Carlos Rigo. – Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

VASSALLO, Simone Ponde. **Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira "autêntica".** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 32, 2003, p. 106-124.

VIEIRA, Luiz Renato. **O jogo da capoeira.** – Rio de Janeiro: Sprint. 2ªedição – 1998.

FONTES IMAGÉTICAS

MURICY, Antonio Carlos. **Pastinha, uma vida de capoeira** (Documentário). 1998, 52min.

GOULART, Luiz Fernando. **Mestre Bimba:** A capoeira iluminada (Documentário). 2004, 78 mim.

Grupo de Capoeira, Semente do Jogo de Angola. Mestre Jogo de Dentro. **Tradição** (Documentário). 2004, 54min.

LA CRETA, Rose. **Mestre Leopoldina:** A fina flor da malandragem (Documentário). 2005, 55min.

ESPN, Brasil. **Capoeira:** o Fio da Navalha (Documentário). 1999, 59min.

ANEXOS

Serviço Público Federal
Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

CERTIDÃO

CERTIFICO que no Livro de Registro das Formas de Expressão, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, instituído pelo Decreto número 3.551, de 4 de agosto de 2000, consta à folha 9, verso, o seguinte: "Registro número 7. Bem cultural: **Roda de Capoeira**. Descrição: A capoeira é uma manifestação cultural presente hoje em todo o território brasileiro e em mais de 150 países, com variações regionais e locais criadas a partir de suas "modalidades" mais conhecidas: as chamadas "capoeira angola" e "capoeira regional". O conhecimento produzido para a instrução do processo permitiu identificar os principais aspectos que constituem a capoeira como prática cultural desenvolvida no Brasil: o saber transmitido pelos mestres formados na tradição da capoeira e como tal reconhecidos por seus pares; e a roda onde a capoeira reúne todos os seus elementos e se realiza de modo pleno. A **Roda de Capoeira** é um elemento estruturante desta manifestação, espaço e tempo onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana – notadamente banto – recriados no Brasil. Profundamente ritualizada, a roda de capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira se batizam os iniciantes, se formam e se consagram os grandes

mestres, se transmitem e se reiteram práticas e valores afro-brasileiros. Esta descrição corresponde à síntese do conteúdo do processo administrativo nº 01450.002863/2006-80 e Anexos, no qual se encontra reunido um amplo conhecimento sobre esta Forma de Expressão, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. O presente Registro está de acordo com a decisão proferida na 57ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 15 de julho de 2008. Data do Registro: 21 de outubro de 2008". E por ser verdade, eu, Marcia Genésia de Sant'Anna, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, lavrei a presente certidão que vai por mim datada e assinada. Brasília, Distrito Federal, 20 de novembro de 2008.

Serviço Público Federal
Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

CERTIDÃO

CERTIFICO que no Livro de Registro dos Saberes, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, instituído pelo Decreto número 3.551, de 4 de agosto de 2000, consta à folha 8, verso, o seguinte: "Registro número 5. Bem cultural: **Ofício dos Mestres de Capoeira**. Descrição: A capoeira é uma manifestação cultural presente hoje em todo o território brasileiro e em mais de 150 países, com variações regionais e locais criadas a partir de suas "modalidades" mais conhecidas: as chamadas "capoeira angola" e "capoeira regional". O conhecimento produzido para a instrução do processo permitiu identificar os principais aspectos que constituem a capoeira como prática cultural desenvolvida no Brasil: o saber transmitido pelos mestres formados na tradição da capoeira e como tal reconhecidos por seus pares; e a roda onde a capoeira reúne todos os seus elementos e se realiza de modo pleno. O **Ofício dos Mestres de Capoeira** é exercido por aqueles detentores dos conhecimentos tradicionais desta manifestação e responsáveis pela transmissão oral das suas práticas, rituais e herança cultural. Largamente difundida no Brasil e no mundo, a capoeira depende da manutenção da cadeia de transmissão desses mestres para sua continuidade como manifestação cultural. O saber da capoeira é transmitido de modo oral e gestual, de forma participativa e interativa, nas rodas, nas ruas e nas academias, assim como nas relações de sociabilidade e

familiaridade construídas entre mestres e aprendizes. Esta descrição corresponde à síntese do conteúdo do processo administrativo nº 01450.002863/2006-80 e Anexos, no qual se encontra reunido um amplo conhecimento sobre este Saber, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. O presente Registro está de acordo com a decisão proferida na 57ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 15 de julho de 2008. Data do Registro: 21 de outubro de 2008". E por ser verdade, eu, Marcia Genésia de Sant'Anna, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, lavrei a presente certidão que vai por mim datada e assinada. Brasília, Distrito Federal, 20 de novembro de 2008.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo